This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

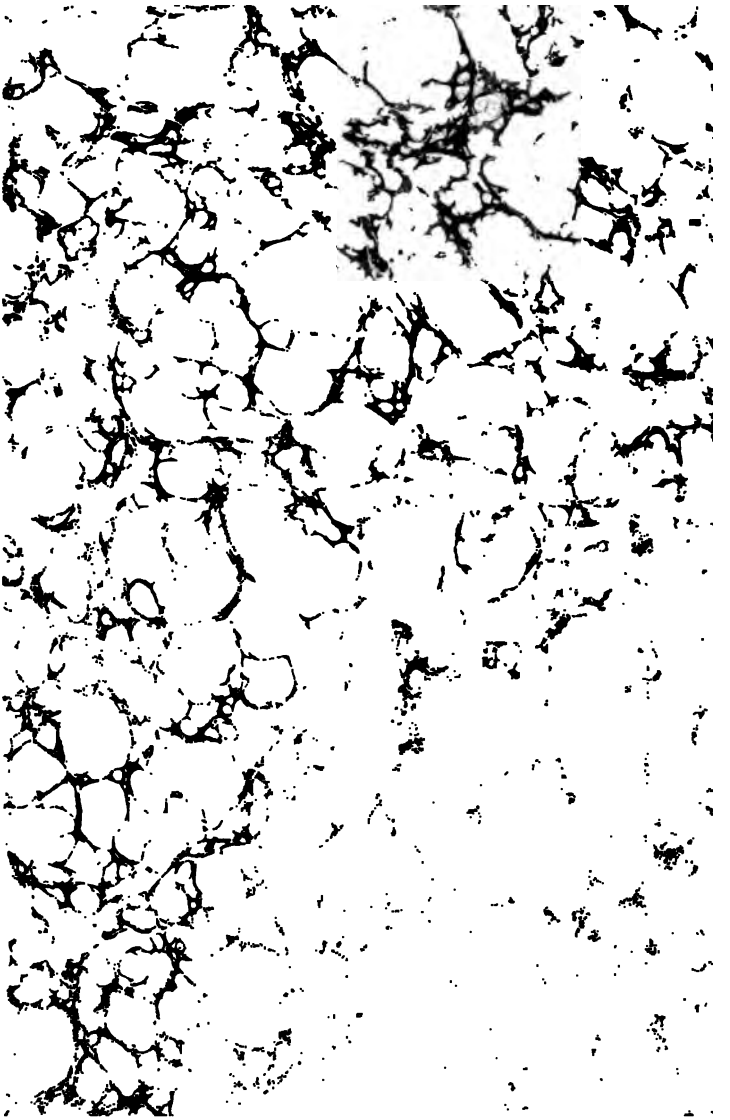
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 468196

869.8
F311

LIVRARIA ACADÉMICA
Guedes da Silva
Mártires da Liberdade, 10
Telefone 25988 — PORTO
LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES LIBERALIA ARMARE



Um feixe de pennas

UM

FEIXE DE PENNAS

Alberto Braga, Amelia Janny, Anthero de Quental, Antonio de Serpa,
Bernardo Pinheiro, Bulhão Pato, Camillo Castello Branco, Carlos Lobo d'Avila,
Chrystovam Ayres, Conde de Ficalho, Conde de Sabugosa, Eça de Queiroz,
Fernando Caldeira, Francisco Gomes de Amorim, Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro
Henrique de Barros Gomes, João de Deus, Joaquim d'Araujo,
José Frederico Laranjo, José de Sousa Monteiro,
J. Simões Dias, J. T. de Sousa Martins, Julio Cesar Machado,
Luiz Guimarães, M. M., Macedo Papança, M. Duarte d'Almeida,
Maria Amalia Vaz de Carvalho, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Sousa Viterbo,
Teixeira de Queiroz, Theophilo Braga, Thomaz de Carvalho, Thomaz Ribeiro,
Valentina de Lucena, Visconde de Benalcanfôr, Visconde do Seisal,

1885

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO 31 Rua da Cruz de Pau 33

LISBOA

869.8
F311

687991-176

DUAS PALAVRAS DE EXPLICAÇÃO

UMA senhora para quem o meu coração e o meu espirito foram n'uma irresistivel e espontanea sympathia, veiu pedir-me como primeira prova do affecto, que ambas advinhavamos intenso e duradoiro, que lhe prestasse a minha coadjuvação — pobre e humilde como não podia deixar de ser — para uma empreza caridosa em que ella e mais senhoras, altamente collocadas pelo caracter e pela posição, se empenhavam profundamente.

Tractava-se de promover uma festa de caridade em beneficio do *Asylo para raparigas abandonadas,* instituição devéras sympathica, devéras commovedora, devéras util; instituição que não póde deixar de fallar ao coração piedoso de todas as mulheres, porque á sombra d'ella, centenares de creanças desamparadas têem escapado ao Monstro que devora as filhas da Miseria, nas grandes cidades populosas e sinistras, onde a pobreza é castigada como se fôsse um crime, e onde a orphandade e o abandono votam ás feras aquellas sobre quem paira a sua grande sombra escura.

A minha indole, os meus gostos, as minhas idéas já muita vez expostas por escripto, sobre a beneficencia e sobre a caridade, tudo parecia tornar-me incompetente para entrar n'esta obra, por sympathica e singularmente bella que ella fôsse.

Mas pelo genero especial e *unico* da instituição protegida, mas pela attracção do nome que a ella me relacionava, saltei por cima da incoherencia d'esta resolução, e cedi gostosa-

mente ao convite, que me era feito com taes requintes de amabilidade immerecida.

Entrando n'esta commissão, por tantos titulos illustre, entendi que o unico meio de fazer qualquer serviço valioso era o que adoptei.

Pedi então a muitos dos mais formosos espiritos, das mais robustas individualidades litterarias, dos pensadores mais sinceros e mais convencidos, dos mais finos e delicados cultores da poesia que me auxiliassem, e todos aquelles a cuja porta fui bater — romeira da Caridade — responderam fidalga e bizarramente á minha supplica.

A todos agradeço a obra boa e a obra bella, que a collaboração de tantos espiritos illuminados produziu.

Guardarei sempre no thesouro das minhas recordações melhores, a memoria d'este momentó, em que tantos nomes illustres e geralmente queridos, vieram reunir-se n'um impulso generoso e santo, a pedido meu, sob a mesma bandeira caridosa, cujo lemma abençoado, será sob todas as fórmas ainda as mais

imperfeitas, para todos os espiritos ainda os mais scepticos, uma das consolações eternas, uma das consolações inexgotaveis da cançada e velha e entristecida Humanidade.

Lisboa, abril de 1885.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

Ill.ma e Ex.ma Sr.a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

NO dia 16 d'este mez fiz annos. Felicitaram-me numerosos amigos, e conhecidos e desconhecidos, pela jubilosa commoção que eu devia sentir completando 59. Mas entre os nomes que mais prezo e admiro não estava o brilhantissimo nome de V. Ex.a Esta falta foi a nota melancolica do meu hymno em aquelle fausto dia. Faltou-me V. Ex.a a enviar-me parabens por eu entrar no gozo de uma idade bonita. 59 annos a caminharem para a perfeição dos 60; e, depois, d'ahi por diante, uma chronologia de phases deliciosas até á cachexia senil. Estranhei, pois, que V. Ex.a me não felicitasse por estar surdo, quasi cego, tropego, com duas nevroses em *cada nervo, com* duas atonias formadas, uma no

estomago, outra no figado, e a terceira a principiar no cerebro: tudo isto ditosas contingencias dos 59 annos que as pessoas minhas affeiçoadas, em uma expansão congratulatoria, pareciam invejar-me.

Nos annos anteriores, quando prefiz 56 e 57, V. Ex.ª saudou a minha felicidade menos completa. Tenho aqui os cartões que me relembram esses anniversarios em que a minha doce vida não era tão docemente cristallisada como esta dos 59—fructa sêca laminada de assucar em ponto, tão saborosa como rutilante. Parece que V. Ex.ª com quem a estupida fortuna tem sido esquiva, sabendo que eu n'este ultimo anno cumulára mais alegrias do que as admissiveis n'um eleito da graça divina, ganhou certo despeito pela desigualdade na partilha dos prazeres, e deixou por isso de me felicitar, como se eu tivesse culpa em que os deuses chôvessem sobre os meus 59 annos abadas de flores do paraiso celestial! Esse proceder releva-se ás irritações nervosas do talento contra uma certa parcialidade que os céos tem mostrado a meu respeito; mas eu não a desculpo, minha querida amiga. Por que não ha de regosijar-se vendo remuneradas em mim providencialmente todas as calamidades que os operarios do alphabeto soffreram em Portugal, desde que João de Barros lhes ensinou o *a b c* na sua *cartilha,* começando por A *arvore,* B *bésta?* V. Ex.ª sabe que o famoso chronista da Asia alludia no exemplo graphico da segunda letra a uma arma de arremessar

setas; mas o meu mestre-eschola, bestificado pelo meio, dizia *bêsta;* e isto, a meu ver, tinha mysterio que os mercieiros ricos tem querido explicar-me.

Seja como fôr, aconteceu, minha presada senhora, que a cornucopia olympica, sobraçada gentilmente por Minerva, está desde 1826 emborcada sobre mim, e d'esta vez despejou-me as duas nevroses para cada nervo, varias atonias para diversas visceras, e a surdez, e a cegueira e varias outras deleitações pelas quaes V. Ex.ª me não felicitou, no dia 16 de março.

Pois, minha senhora, sendo eu um dilecto dos deuses, prelibo como elles o nectar da vingança, não satisfazendo o desejo que V. Ex.ª tem de estampar no seu jornal caritativo a prosa juvenil, syderal e irisada d'esta minha inspirada rejuvenescencia. E agora, como deve estar a nascer-me o dente do sizo, depois da morte dos outros, já mais escreverei prosa senil, prosa de franciscano da ordem terceira, invocando a caridade publica. Nunca mais escreverei senão lyricas e madrigalescas em que a fórma e o colorido rescendam o perfume dos meus 59 annos.

Além de que, Ex.ma Sr.ª, da maneira como n'este paiz se está mendigando para tudo e por todos os motivos, o collaborador assiduo dos *jornaes de um numero só,* tornou-se o velho mendigo das romarias e das portas dos templos, garganteando clamorosamente: *Ó pais e mães da caridade, contemplae...* etc.

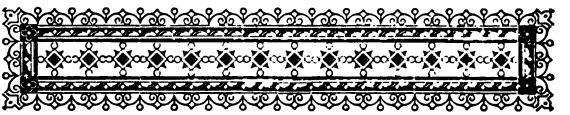
Não seria indiscreta coisa, minha senhora, ver

se os governos podem aguentar-se na sua missão providente de soccorro á miseria dos seus administrados sem a nossa collaboração de Andadores das almas n'uma effectividade quasi humoristica?

De V. Ex.ª
amigo extremoso como pae

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Casa de V. Ex.ª S. Miguel de Seide, 27 de março.



Berço vazio

Róseo batel da vida, peregrina
Barca em que o anjo rindo adormecia,
Róseo batel que em mares de alegria
Ias banhando a prôa diamantina;

Não mais, não mais a fronte cristallina
Que em teus fofos setins calma luzia
Te inundará de raios e poesia
Como no céo a estrella matutina...

Vazio estás. O pranto unicamente
Vês scintillar agora, longo e ardente,
Sobre o teu mudo e frio travesseiro:

Tudo roubou-te a Sorte malfadada,
Tudo perdeste, oh barca abandonada,
Perdendo o teu mimoso gondoleiro.

LUIZ GUIMARÃES.

FRAGMENTO

DO

JORNAL D'UMA SENHORA

A VIDA, oceano insondavel, que, ora sereno, ora revolto, ora em tormenta, enche de alegrias, de dúvidas ou de martyrios o nosso espirito, desgraçado tripulante de uma barca desconjuntada a que chamamos—o corpo humano.

As mulheres, na discussão, podem comparar-se ás moscas sobre o doce: quanto mais procuram desvial-as, com maior tenacidade ellas voltam.

Ha quem affirme que ninguem se conhece a si proprio: que são os nossos amigos e os que vivem mais intimamente ligados comnosco os competentes para nos julgarem. Eu por mim penso o contrario e não creio que fôsse de difficil accesso a porta do Templo de Delphos, que tinha por legenda—conhece-te a ti mesmo antes de entrar aqui.

Pois se nós que vivemos na intimidade do nosso pensamento, espelho fiel da nossa alma, não conhecermos os nossos defeitos e as nossas virtudes, como podem os outros julgar-nos? Elles que apenas podem apreciar as nossas manifestações exteriores ouvindo-nos e vendo-nos? E se não nos conhecemos, com que direito affirmamos que os nossos olhos e os nossos ouvidos estão perfeitamente despreoccupados quando julgamos os outros? Que o affecto ou a malevolencia não alteram em nós as duas faculdades de vêr e de julgar?

Aonde estaria a responsabilidade da nossa consciencia se não nos conhecessemos?

A velhice, que se dá um trabalho infinito para tornar invisiveis as tristes devastações dos invernos que tem atravessado, assemelha-se extraordinaria-

mente á creança muito pequena que, para esconder-se, depois de pensar muito, se mette detraz da cortina de cambraia transparente da janella e diz, cheia de enthusiasmo:—Aonde estou eu? Aposto que ninguem me encontra!

A politica, pelo fanatismo ou por interesses individuaes, inutiliza muitos espiritos lucidos e brilhantes, que podiam com a palavra ou com a penna tornar-se uteis á humanidade.

O fallador é como a cigarra que morre á força de cantar: a cigarra canta sem saber o que faz, o fallador falla sem saber o que diz.

Da mulher que não affaga as creanças e do homem que se esquece dos seus brios, nada do que é bom, e do que é bello devemos esperar.

Caridade, brilhante prysma de mil faces atravéz do qual antevemos o céo: mas, que tambem tem

reflexos do inferno para as almas sensiveis e compadecidas, que procuram os que estão chorando para lhes levar o doce balsamo da sua compaixão e do seu auxilio. Quantas lagrimas correm que não é possivel enxugar?! Quantos desconfortos, quantos tormentos, quantos desesperos que não podem combater-se?!

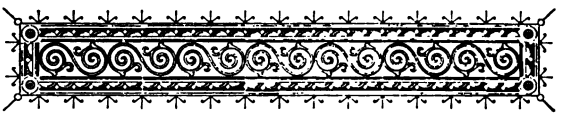
E a alma dedicada que busca os infelizes para lhes ser protecção e amparo, chora e soffre cruelmente porque não póde consolar todos os tristes. Não esquece a offensa porque tambem não esquece o beneficio, mas é prompta em perdoar. Soffre quando a hypocrisia, ou a malevolencia desvirtuam uma acção boa. Sente em si todas as compaixões, todas as indulgencias, todos os perdões. Soffre com todos os que soffrem.

Esta é a caridade espontanea, a caridade por instincto. Sendo a mais prompta nos sacrificios pela completa abnegação de que se reveste, é sem dúvida a mais util aos desgraçados; mas de maneira alguma é a que maior merecimento póde dar aos que a praticam.

Aquelles que são rancorosos: que acham um supremo gozo na maledicencia: que não encontram consolação em repartir com os pobres o que lhes sobra: que não sentem o doce, o incomparavel jubilo de enxugar uma lagrima: que têem horror a ver a miseria e o soffrimento: que sentem a mais violenta repugnancia ao aproximar-se dos andrajos do

pobre, e que pela consciencia do seu dever, não procuram vingar-se sentindo no coração todos os odios: que se mostram indulgentes sendo malevolos: que repartem largamente o seu dinheiro sendo avarentos: que se tornam affectuosos e compadecidos sentindo a indifferença e o tedio: esses, seriam sublimes... se existissem.

M. M.



De noute

(PANTUM)

No calmo azul do curvo firmamento,
ensanguentado athleta, o sol desmaia.
Sobre meu peito carinhoso, attento,
ao somno eterno a cabecinha ensaia.

Ensanguentado athleta, o sol desmaia;
abre as azas no espaço a noute enorme.
Ao somno eterno a cabecinha ensaia.
Dorme no berço de meus braços, dorme.

Abre as azas no espaço a noute enorme.
Busca apressado o açor o alpestre ninho.
Dorme no berço de meus braços, dorme,
flor mais albente do que a flor do linho.

Busca apressado o açor o alpestre ninho.
Bate espumoso o mar nas mós de areia.
Flor mais albente do que a flor do linho,
teu seio arcado brandamente ondeia.

Bate espumoso o mar nas mós de areia.
Esparge a lua, luz branca e tranquilla.
Teu seio arcado brandamente ondeia;
o ouro da coma, dada ao vento, oscilla.

Esparge a lua, luz branca e tranquilla;
tremula na agua a arfar fulgente rasto.
O ouro da coma, dada ao vento, oscilla.
Teu rosto alinda, assetinado e casto.

Tremula na agua a arfar fulgente rasto.
Um luminoso nimbo os cerros touca.
Teu rosto alinda, assetinado e casto,
sorrindo em sonho a pequenina bocca.

Um luminoso nimbo os cerros touca.
No aprisco o manso armento muge e bala.
Sorri-te em sonho a pequenina bocca,
nenhum sorriso o teu sorriso iguala.

No aprisco o manso armento muge e bala;
na granja o gallo grita: alerta! alerta!
Nenhum sorriso teu sorriso iguala,
se os dentes mostras na boquinha aberta.

Na granja o gallo grita: alerta! alerta!
Sobe, cantando, ao ar a cotovia.
Se os dentes mostras na boquinha aberta,
se abres teus olhos,—alvorece o dia.

Sobe, cantando, ao ar a cotovia;
na flor do thymo emperla-se o relento.
Abre teus olhos,—alvorece o dia
no calmo azul do curvo firmamento.

José de Sousa Monteiro.

A Felicidade

(FRAGMENTO)

GERADOS no seio de mães, nós homens agitamo-nos na atmosphera eterna do Feminino. Entre o ventre d'onde saimos e o tumulo onde vamos decompor-nos, entre os dois nadas que limitam a nossa existencia de ephemeros, vivemos sempre de amor—d'esse sentimento ideal, puro, quasi divino, que desabrocha em compaixão e piedade retemperando, com as proprias crises que provoca, o equilibrio dos nossos pensamentos e a saude do nosso espirito; ou d'essa attracção carnal e cega que tem a prova da sua inferioridade no egoismo inseparavel, e nos reduz á condição elementar dos animaes que fomos, roubando-nos os predicados divinos de homens em que nos tornámos.

Este ultimo é o amor dominante em todas as sociedades que, lançando-se perdidas nos braços fataes da Natureza, se degradam á procura da Felicidade,

correndo loucas atraz de uma chimera... A felicidade, como todos os absolutos, é apenas uma concepção do nosso espirito, não existe realmente, e só na saude de uma alma que perceba e sinta as relações necessarias de que a existencia resulta afinal, só em nós se póde dar de um modo ideal e subjectivo. Ser feliz resulta d'um acto da intelligencia e da vontade, independentemente das circumstancias accidentaes e exteriores da vida. O incomparavel poema de Job, cantando os seus hymnos de resignação e glorificando a Deus do seio da miseria a mais cruel, é a expressão excessivamente gigantesca de uma grande verdade moral.

Não é porém no desvairamento do prophetismo judaico, explosão violentamente tortuosa de sentimentos apaixonados, formulada por um povo desgraçado, que os homens podem em geral procurar um rumo. Aquelle que, sem ter de esmagar desapiedadamente os sentimentos e paixões da sua natureza, sem ter de partir a mola interior que o torna um ser vivo, consegue mitigar, moderar, ponderar ou equilibrar os impulsos do seu sangue com os dictames das suas idéas, sanccionando paixões e pensamentos com a luz inextinguivel dos instinctos moraes; olhando para si proprio e para as angustias, para as dores e para as feridas da sua vida com uma commiseração visinha do desdem; olhando para o proximo e para o mundo sem desprezo nem orgulho, mas com a ironia caridosa que se deve a todas as

cousas involuntariamente inferiores; contemplando finalmente com uma curiosidade placida e discreta o nevoeiro dos mysterios e problemas que, sondados de perto, endoidecem e de que é mister fugir como dos abysmos cujas vertigens allucinam ou bestificam: esse homem, por fóra activo, por dentro como que apathico, ás vezes (sómente ás vezes) atacado de tedio, mas sabendo que não deve nem póde aborrecer a vida; esse homem é o unico verdadeiramente feliz.

Nós somos um producto artificial sem espontaneidade poetica ou barbara, como todos os animaes domesticados: o homem culto é o domestico da razão.

O hellenismo dos bons tempos aproximou-se notavelmente d'este ponto-de-vista, e por isso, emquanto houver homens, será elle a grande licção da humanidade. Mas os Antigos resvalaram no plano-inclinado de uma bestialidade (para onde nós, parece, nos inclinamos tambem agora) a que afinal pôz termo a allucinação christã, substituindo ao realismo naturalista um realismo phantasmagorico, e ao culto do Amor desenfreado o culto desvairado da Morte.

Amor e Morte, a geração e a anniquilação, esses dois polos entre os quaes se inscreve toda a nossa existencia, zenith e nadir da realidade individual, confundiram-se, pondo-se em morrer a mesma furia que antes se punha em amar. S. Paulo parece-me um outro Marco Antonio trazendo nos braços, apertado contra o peito, o esqueleto de Cleopatra... E o mesmo egoismo caracteristico do amor naturalista,

transcendentalisado porém, arrastou as gentes allucinadas na procura d'essa mesma Felicidade real, objectiva — collocada agora para além do tumulo na ultra-vida phantastica, e chamada Salvação-eterna. E os homens abraçaram-se a este paradoxo monstruoso da confusão do Amor e da Morte, do norte e do sul, do principio e do fim, tanta era a miseria a que a loucura naturalista e as desgraças consequentes os tinham reduzido!

Tristemente contradictoria é porém a nossa condição, porque o homem equilibrado e feliz, se não é um tolo, tem n'esse proprio equilibrio e n'essa propria felicidade uma causa necessaria de amesquinhamento. Não ha verdadeira grandeza senão na desgraça e nenhum homem é inteiramente digno de tal nome emquanto não recebeu alguma punhalada cruel da sorte. A paz, a ventura, o bem-estar, deprimem-nos; ao passo que as afflicções temperam-nos e tonificam-nos. O infortunio levanta-nos e faz-nos heroes, até ainda quando nos enlouquece — nem ha heroismo sem um grão de vertigem!

A Antiguidade classica foi equilibrada e por isso foi feliz; mas, á falta de philosophia, caiu de um lado na depravação abjecta, do outro no naturalismo desenfreado; e gregos e latinos, sepultados na cova christã, deram de si o homem moderno — mais fraco, mais atormentado, acaso maior porém, por isso mesmo que soffreu mais.

OLIVEIRA MARTINS.

Olé! Olé!

Quando no pandeiro rufas
Sob as antigas adufas
    Com o teu dedo;
E quando o repique espalhas
Das retinintes soalhas
    Por Toledo!

Quando o teu corpo de zebra
Em meneios se requebra
    Docemente;
E quando os quadris balanças
Nas mozarabicas danças
    De serpente;

Quando o teu olhar salaz
Em sorrisos se desfaz
E humedece,
Como se um lubrico beijo
Te inoculasse o desejo
Que amortece,

Quando prolongas roufenhas
As notas das malagueñas
Com languor,
E quando o majo te grita:
Olé! Olé! Carmencita!
Meu amor!

Quando as feiras hespanholas
Atroas de castanholas
No fandango,
Mostrando no labio fresco
O vermelho pittoresco
Do morango;

Alguem te involve, sereia!
N'um olhar que se incendeia
E treslouca,
Com desejos de ir provar
O morango singular
D'essa bocca.

Esse alguem que tu nem vês,
Paralytico, e refez
Pobretão,
E que vae de feira em feira
De rastos na tua esteira
Como um cão,

Seguindo-te noite e dia,
De Biscaya a Andaluzia,
Te acompanha
Pelas praças de Sevilha,
No paiz da Seguidilla
Pela Hespanha!

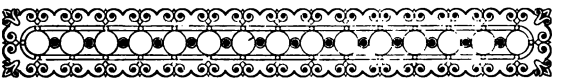
Já foi o heroe ovante
Que a multidão delirante
Applaudia,
E a quem nas praças de toiros
Cobriu de palmas e loiros
Á porfia.

Foi o enlevo dos olhares
Das bellas peninsulares
Em Granada;
Já viu a seus pés Madrid
Conquistou Valladolid
Com sua espada.

Enfeitiçou gaditanas,
Dilecto das murcianas
Foi outr'ora;
Hoje não passa, coitado!
D'um toireiro estropiado
Que te adora!

Pequena! Dá-lhe uma esmola
Que o anima, que o consola,
Dá sem medo,
O teu sonoroso adufe
Embora nunca mais rufe
Por Toledo.

CONDE DE SABUGOSA.



UM CORVO E UM PAPAGAIO

(Conto para creanças, offerecido aos meus filhos)

ISTO passou-se no tempo dos animaes fallantes:

Um velho corvo, tendo de edade perto d'um seculo, n'um dia de muita chuva e vento, veiu, já sem forças, poisar na beira d'um telhado. Este valente da amplidão dos ares, tinha perdido toda a arrogancia do seu porte; encolhido e a tremer não se podia já ter nas pernas. A extremidade amarellada das suas pennas, outr'ora tão negras, mostrava que padecia de velhice e de fome. Ao habitante eterno dos penhascos sombrios, ao motejador das tempestades que assustam os homens, coube-lhe o vir dar o ultimo suspiro da sua longa vida, perto do comedoiro farto e luxuoso d'um vulgarissimo papagaio real. Este de papo cheio, e aquecido pelo ar tepido da cosinha, ao sentir a queda do corpo enfraquecido do corvo perguntou d'um modo gracejador:

—Que é lá!? Quem passa?

Uma voz quasi soluçante, conservando a meiguice d'um peito corajoso, e o vigor do suspiro d'um general, moribundo nos campos de batalha, respondeu:

—Gente de paz, amigo. Descanço um momento.

—Olha um corvo, gritou o papagaio cheio de medo. Aqui d'el-rei que me come! Antonio, acode.

Mas o corvo, com uma voz tranquilla e cheia de bondade, serenou-o:

—Não te assustes... Não tenhas a meu respeito a opinião do povo, que é errada. Sou meigo e infeliz. Tive filhos, casa, uma companheira de muitos annos e tudo isto me roubaram os homens. Durante a minha vida d'um seculo, tenho visto mais barbaridades praticadas pelos corações piedosos, do que todas as que attribuem á minha raça maldita.

O papagaio, ainda receioso, mas cheio de curiosidade perguntou:

—Então não és feroz e cruel como dizem?

—Não. Tenho affectos; no alto dos meus queridos rochedos, muita vez escutei com prazer o canto dos passaros nossos irmãos e a alguns quiz imitar. Amigos meus e meus irmãos viveram entre homens, tornaram-se familiares, chegando a comprehender a linguagem que se falla. Eu sempre gostei do ar forte e da liberdade das montanhas. Hoje enfraquecido e cheio de fome, fui arrumado para este telhado, pelo vento que toda a vida escarneci. Ha muitos dias que não como, dás-me alguma cousa d'isso que ahi tens?

—Não posso—respondeu o egoista.—O meu arroz mal chega para mim... Tu tambem o não comias. Do que mais gostas, segundo dizem, é de carne podre.

—Que remedio tenho eu, á falta de melhor? É o unico alimento dos infelizes que vivem nas solidões. Comemos tudo... a fome é negra. O teu arroz cheira tão bem... Dá-me um bocadinho. Poucos minutos me restam de vida. Deixa-me ao menos aproveitar da tua comida isso que tu deitas fóra e desprezas.

E fez um esforço para voar; mas não podia. No entretanto esse mesmo movimento d'azas atemorisou o papagaio que bradou:

—Não te chegues, não te chegues! Tu o que desejas é comer o meu arroz e talvez engulir-me a mim mesmo. Nada de brincadeiras. Essa tua fraqueza póde muito bem ser fingida, para me enganares. Não te chegues, senão chamo o Antonio, o meu amigo cosinheiro, que arranja coisinhas boas para o meu papinho, e se elle vem olha que dá cabo de ti.

O corvo quasi agonisante, soluçava, tremendo de frio e de fome:

—Não me odeies, lá por eu ter má opinião em toda a gente. No tempo em que era forte, quantas vezes não cobri com o meu corpo, muitos passarinhos que não podiam resistir á tempestade?! Fiz o bem que pude. Soccorre-me hoje, que estou para morrer.

O papagaio, desconfiado e vaidoso, temendo que

o rustico habitante dos pincaros lhe sujasse a plumagem vistosa, ordenou:

—Então deixa-te estar ahi. Vou pedir ao Antonio que te deite um pedaço de carne, da que não presta. Talvez a não mereças; mas devemos ser caridosos —concluiu espanejando-se.

O velho corvo, já sem altivez, agradeceu com ternura na voz:

—Obrigado; Nosso Senhor t'o pague.

No telhado porém não podia resistir aos impulsos do vento. Confiado, ou talvez contra vontade deu um vôo do beiral onde estava para o poleiro, desculpando-se:

—Tem paciencia. Não posso estar ali. Comerei n'este cantinho a esmola que me fazes.

Mas a proximidade d'aquelle corpo, sujo, volumoso, d'aspecto selvagem, assustou o timido papagaio real, que logo gritou fóra de si:

—Ó Antonio. Traz o pau!...

E esvoaçava sem querer poisar. Agarrava-se á corrente que o prendia ao comedoiro. Tremia de verdadeiro medo, elle saudavel e nedio, diante d'este habitante dos rochedos que estava a dar o ultimo suspiro.

O cosinheiro, ao ver o corpo immundo e repellente, perto do seu estimado papagaio, exclamou irado:

—Olha o ladrão de um corvo!...

E dando uma pancada no animal desfallecido, atirou-o sobre o lagedo da rua onde o desgraçado

morreu logo. Em seguida, o Antonio com o fim de socegar o seu querido, passava-lhe com brandura a mão na cabeça dizendo:

—Calla-te loiro, não tenhas medo. Queria-te fazer mal? Levou a sua conta. Coitadinho do loiro, coitadinho do loiro.

Assim se cumpre muitas vezes a justiça na terra. Meus filhos, não se deve acreditar facilmente nas culpas d'aquelles que são infelizes, principalmente quando precisam de que se lhes faça bem.

Lisboa, março, 85.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

RETRATO

D'UMA PORTUGUEZA

BRANCO-MATE o tom da côr.
Pé airoso, breve, estreito.
A bôca—botão em flôr;
E a linha curva do peito!...

Sorrisos abrindo em perolas.
Distincção, graça no porte.
Pupillas como relampagos,
Que podem dar vida ou morte!

N'essa fórma sobre-humana,
Que mais seduz, mais domina?
A carne, porção mundana?
O ideal, porção divina?!

Tomam como orgulho indomito
Seu olhar fascinador.
Fascina tambem e é timida
Uma estrella do Senhor!

No grande baile sorria
Mais triste do que ditosa;
Pois de tal modo estaria
Se acaso fôsse orgulhosa!

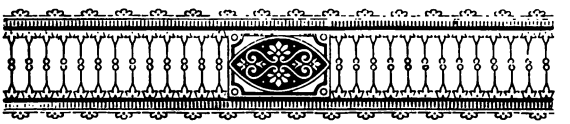
Como d'esse branco-pallido
Resaem as negras comas?
Caminha, formosa unica,
Cercada de luz e aromas!

São tantos os teus poderes,
Triumphadora invencível,
Que nas outras mulheres
A propria inveja é possivel!

Surgiste real e ethereа!
N'estes dias positivos,
Deus resuscitou Romantico
Ao sol dos teus olhos vivos?

Março, 1885.

BULHÃO PATO.



UMA CRISE

(FRAGMENTO)

. . . . . .

—Eu vou ver a horta, disse ella muito alegre.

—Se quer, prima, eu ensino-lhe o caminho.

E, juntos, tomaram o caminho do carreiro, que descia por entre as larangeiras e os balseiros cerrados do vallado. No carreirito apertado, invadido pela herva alta, não cabiam a par. Joanna ia adiante, desviando-se dos ramos, afastando as longas hastes das silvas que lhe prendiam o chapéo; até que, impacientada, o tirou, passando o elastico no braço. As larangeiras copadas tocavam quasi no chão. Fóra, o ar estava muito quente, mas ao entrar ali na sombra densa, sentia-se uma impressão fria e humida, como ao entrar n'uma igreja. Lá adiante, os melros fugiam por baixo das larangeiras, n'um vôo rapido e rasteiro, com gritos metalicos, assustados. Ao lado

do caminho, n'um rigueiro, orlado de agriões, corria a agua das regas. Corria muito limpida, enrugando-se nos seixos claros do fundo, e, ferida pelo sol, que passava entre as ramas, illuminava-se ás vezes em linhas brilhantes, cruzadas em diagonal, como no ouro lavrado dos relogios.

—Que agua tão bonita; e eu tenho sede, disse Joanna.

—Eu vou lá acima, á casa, buscar um copo.

—Não... não é preciso, primo, respondeu ella.

E apellando para toda a sua coragem, arregaçada, saltou o rigueiro, deixando ver a meia cinzenta, collada sobre a perna delgadita e graciosa. Muito curvada, passou sob as ramas baixas do laranjal, e voltou triumphante com uma grande folha de couve na mão. Então, de joelhos, com as tranças meio desfeitas, quiz improvisar um copo. Mas a agua, em perolas grandes, rolava sobre a superficie cirosa da folha, correndo-lhe para o pescoço, molhando-lhe o vestido. Ella ria, alegre, abandonada. E Manuel tentava ajudal-a, amparando com as mãos as bordas da folha, que se dobravam; mas assim tão perto d'ella, abraçando-a quasi, sentindo os seus cabellos soltos roçar-lhe nas faces, invadia-o uma sensação tão funda e tão intensa, que era dolorosa. Para a não enlaçar nos braços, para lhe não beijar os beiços ainda molhados, fugiu. Levantou-se de subito, dando alguns passos no caminho. Ella surprehendida, não percebendo, levantou-se tambem; e foram descendo juntos.

O carreiro saía do laranjal para uns canteiros, orlados de pereiras e ginjeiras, que rebentavam n'uma folhagem nova, ainda rara, de um verde claro. Em baixo os alamos altos tremiam na aragem, muito brancos no azul forte. Nos medronheiros do barranco cantava um rouxinol; e fóra da horta, nos trigos espigados, ouvia-se o grito sacudido das codornizes, chamando as companheiras. O ar quente, carregado das emanações do laranjal em flor embriagava. A natureza acordava; e tudo, a folhagem fresca das arvores, os perfumes das flores que se derramavam, o vôo incerto de duas borboletas que se perseguiam, uma vibração ardente no canto das aves, tudo fallava da vida nova, do eterno e doce mysterio da creação. Manuel sentia vagamente tudo isto. O seu amor pela prima, que durante aquelles mezes de convivencia intima se infiltrára em todo o seu ser, pouco a pouco, sem que elle mesmo podesse medir-lhe os progressos, revelava-se-lhe em toda a sua violencia, subitamente, como um sentimento novo. Á sua admiração timida, que ainda ha pouco se concentrava n'uma adoração quasi mystica, juntava-se agora uma sensação physica, doce e anciosa a um tempo. O sangue girava-lhe nas veias com violencia. Não sabia o que queria; queria dizer-lhe que a amava, que a respeitava acima de tudo, que se contentaria com beijar a orla do seu vestido, o pó que ella pizasse; mas—contradicção singular—queria dizer-lhe isto, estreitando-a nos braços, sentindo-a tremer n'um amplexo intimo, mer-

gulhando os beiços nas ondas fôfas dos seus cabellos opulentos.

Joanna caminhava lentamente ao lado de Manuel. Banhada pelo ar tepido, abandonava-se a um grande bem estar. Inconscientemente murmurou n'uma voz apenas distincta:

—Que bom que era viver aqui!

—Era prima? mas póde ser, bem vê, querendo é tudo seu! exclamou Manuel, deixando escapar o seu segredo.

Subitamente parou, aterrado da sua audacia. Toda a sua timidez voltava, e só pôde accrescentar, como desculpando-se:

—Olhe, eu não sei dizer o que sinto, mas dava tudo... a vida... não sei o quê, para a fazer feliz.

—Não diga creancices, disse Joanna, rindo, querendo brincar.

Mas, levantando os olhos para elle, viu-o tão grave, leu nos seus olhos razos de lagrimas, nos seus beiços tremulos, um amor tão vehemente e tão sincero, que ficou séria tambem, callada, quebrando machinalmente nos dedos as hastes tenras de uma ginjeira nova. Penetrava-a uma sensação estranha; como uma compaixão funda, muito terna. De repente, porém, toda a vida da provincia, com as suas trivialidades odiadas lhe pairou deante dos olhos, e, levantando a cabeça, disse n'uma voz secca, quasi dura:

—Não... não póde ser.

Depois teve pena, e mais docemente continuou:

—Eu não o quero enganar. Sou muito sua amiga; mas não... emfim não póde ser. Nem era bom... eu fui creada longe d'aqui, d'outro modo, não me podia costumar a esta vida... não era... não o fazia feliz.

Manuel escutou-a sem insistir, sem dizer uma palavra mais, sentindo-se condemnado. Apenas no fim, muito pallido, perguntou:

—Não póde ser, porque a prima...?

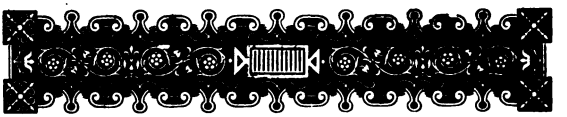
—Não, não, de ninguem, respondeu ella rapidamente, atalhando a pergunta.

Foram subindo juntos, callados, na direcção da nogueira, onde esperava a D. Maria; e quasi ao sair do laranjal, ella estendeu-lhe a mão, dizendo:

—Perdóe-me, Manuel, e seja sempre meu amigo, sim?

.....

FICALHO.



VERSOS POSTHUMOS

ITERUM SARA

ABRE-ME os braços teus, formosa Magdalena,
Que repouse um amante em seios de alabastro!
Quero doido sorver teus beijos, assucena,
N'essa varanda, á luz do merenchorio astro...

Ao luar é tão doce o tremulo contacto
Das mãos de uma mulher que esmaia enlanguescida!
Á noite, filha de Eva, o amor, languido cacto
Desabrocha sorrindo e enflora-nos a vida.

Vê tu que céo azul, o céo tão estrellado;
Esse que ahi se arqueia e esplende pela altura!...
Affasta do triclinio o aereo cortinado!
Apparece-me, ó Sara, e eu morra de ventura!

Solta os cabellos teus, Niagára esplenduroso
Que vae beijar-te a onda alvissima do collo.
A guitarra soluça o cantico amoroso
E eu desmaio na sombra, ó Sara, ó meu consolo!...

É calmo o teu jardim, na areia da alameda
Em cascatas, derrama a lua os seus palôres...
Que me aperte o collar dos braços teus de sêda,
Cantemos o duetto eterno dos amores!...

Abre-me os braços teus, quero esculpir com beijos
Em teus labios de fogo e seios de alabastro
O poema d'este amor insano... Ó meus desejos
Eu vos pranteio á luz do merenchorio astro!...

GONÇALVES CRESPO.

A Italia e a Renascença

Illuminada pelo sol da Renascença, a Italia na primeira metade do seculo XVI, estorce-se em convulsões, similhante ao gladiador traspassado de golpes, condemnado a cahir exanime na arena do circo. Como o gladiador, tambem ella arquejante, saudará lugubremente os variados Cesares, por cuja causa irá derramar o seu sangue.

A Italia, effectivamente, ha de sacrificar-se ora pelas ambições de Fernando o Catholico e de Filippe II, ora pelos caprichos de Francisco I, de Maximiliano e de Carlos V; nunca empunhará as armas, desafiando a fortuna, pela sua propria causa, pela causa da patria!

A Italia da Renascença, vivaz, fecunda, luminosa na esphera das artes e da intelligencia, constellada

de estrellas de primeira grandeza no seu céo rutilante de poetas, litteratos, pintores e esculptores (Leonardo de Vinci, Benvenuto Cellini, Raphael e Miguel Angelo, Guicciardini, Machiavello, Ariosto) a Italia poderosa em faculdades estheticas, com a mais nitida concepção do ideal artistico, em politica é nebulosa, vacillante, palpa phantasmas e trevas.

Nem as audacias e conselhos desesperados de Machiavello, nem as phantasias joviaes e scepticas do Ariosto conseguirão afastar a realidade sinistra, que ameaça a Italia.

Por baixo dos explendores pagãos dos pontificados de Julio II e de Leão X, em que pullulam em cardumes artistas geniaes, entreveem-se, a furto, negrumes precursores de cataclysmo.

Em 1523 Roma é brutalmente saqueada por hespanhoes, francezes e allemães, renovando-se as scenas dos barbaros de Alarico. Em 1530—data fatal para a Italia—Carlos V e o papa dilaceram-na entre ambos, como dois lobos rasgando uma mesma rez.

O papa e os Medicis ficam senhores de Roma e Florença; o imperador toma para si Napoles e Milão. Ao norte e ao sul, a tyrannia hespanhola; no centro, um despotismo mais indigena e paternal.

Dividida, retalhada na unidade da sua structura politica, a Italia acabará por adormecer na paz da servidão.

Assim adormecida senão morta para a liberdade e para a independencia, a imagem da patria italiana

póde comparar-se á de uma d'essas rainhas esculpidas em marmore, que vemos deitadas sobre os tumulos medievaes.

Na poesia e na arte chispam com intermittencias as faiscas do genio italiano, apagando-se na morte do Tasso (1595), cujas strophes são o canto do cysne da Renascença italiana.

Então, ao sopro da intolerancia religiosa definha-se a litteratura. A perda da independencia enerva-a. Reflexo da patria abatida, as letras debater-se-hão por mais de um seculo em frivolas phantasias, em controversias subtis e vãs, em ostentações tumidas de côrte e de academia. O mesmo acontece em toda a parte, sob circumstancias identicas. Nos funeraes de um povo, a invenção, o pensamento desfallecem e morrem, velados dos luctos da patria. Sobre os entendimentos, sobre a espontaneidade e viveza da razão e da imaginação creadora, a servidão commum peza funeralmente como uma necropole sobre a terra dos mortos. Que contraste doloroso. Um povo d'estatuas de marmore, brancas de neve, a altearem-se debaixo de um céo azul! Palacios recheados de moveis phantasiosos, de quadros, de tapeçarias orientaes. Estados e republicas enxameados de poetas e eruditos, de damas e cavalleiros.

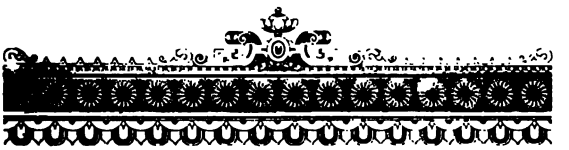
As sensualidades elegantes e luxuosas da vida, como nas telas de Velasquez, esmaltadas das graças do espirito, perfumadas por uma civilisação precocemente brilhante.

E em face de tantas maravilhas de arte, de tantos requintes d'elegancia e de galanteria, a patria ameaçada de ruina; os campos talados pelos exercitos quatro nações: francezes, suissos, allemães e hespanhoes; a discordia produzindo a anarchia moral; a dissimulação e a fraqueza nos animos; na politica, a perfidia, a violencia e o crime subidos ás alturas de razão d'estado; por toda a parte, instinctos ferozes e a cupidez infrene dos mercenarios. Quasi todos os cidadãos se vendem; e os raros que não tr[illegible]m ao balcão das infamias, jogam a sorte da Ita[illegible]ia tavolagem do egoismo e da ambição.

Mas não receemos pelos destinos d'esse povo [illegible]e pela revelação da antiguidade já prendeu o presente e o futuro—elos de uma mesma cadeia—ás origens da Grecia e de Roma. Sob essas crispações de dôr, nos latejos de uma gestação, a Renascença palpita cheia de vida. A sua missão ha de cumprir-se.

A Renascença italiana empanará o seu brilho sob um longo eclipse, tornando-se a *alma mater*, o pharol do mundo moderno no campo de batalha da Europa inteira desde Cosme de Medicis até Clemente VII. Não importa. Alimentando em seu seio a civilisação moderna, a Renascença realisará o mytho de Hercules, purgando a terra dos monstros que a devoram.

BENALCANFÔR.



Villa do Conde. 1 de abril.

Minha senhora:

Penhoradissimo com a sympathica confiança e boas palavras de V. Ex.ª, sinto não poder enviar-lhe cousa de mais algum valor do que tres sonetos antigos — e oxalá não lhe pareçam, além de antigos, *velhos* tambem! Tentaria escrever algumas paginas em prosa, sobre materia que valesse a pena, se V. Ex.ª me não dissesse que ha pressa; e, com tal aperto, creio que me seria impossivel achar um assumpto, que é essa para mim a difficuldade maior. Eu mesmo pasmo ás vezes, ao considerar quanto os pensamentos e conhecimentos que tenho accumulado em tantos annos de estudo parecem não ter servido senão para me tornarem indeciso e para me esterilisarem! Mas, em fim, o que é, é. — Os sonetos, que envio, apezar de antigos, são ineditos; e como imagino que o livrinho é destinado principalmente a correr mãos femininas, achei preferivel contribuir com aquellas cousinhas antigas e ternas, que, em summa, são innocentes e não apavoram, a enviar-lhe dos Apocalypses que agora faço, «*pesadellos rimados*», como lhes chama um meu amigo, entendido em rimas e em pesadellos.

Folgo devéras por ter esta occasião de poder dar a V. Ex.ª um testemunho da muito grande e respeitosa sympathia que sempre me inspirou e da admiração que professo pelo seu raro talento.

Sou, minha senhora, de V. Ex.ª

Criado humilissimo

ANTHERO DE QUENTAL.

SONETOS ANTIGOS

I

SONHO ORIENTAL

SONHO-ME ás vezes rei, n'alguma ilha,
Muito longe, nos mares do Oriente,
Onde a noite é balsamica e fulgente
E a lua cheia sobre as aguas brilha...

O aroma da magnolia e da baunilha
Paira no ar diaphano e dormente...
Lambe a orla dos bosques, vagamente,
O mar com finas ondas de escumilha...

E em quanto eu na varanda de marfim
Me encosto, absorto n'um scismar sem fim,
Tu, meu amor, divagas ao luar,

Do profundo jardim pelas clareiras,
Ou descanças debaixo das palmeiras,
Tendo aos pés um leão familiar.

II

IDYLIO

Quando nós vamos ambos, de mãos dadas,
Colher nos valles lyrios e boninas,
E galgamos d'um folego as collinas
Dos rocios da noite inda orvalhadas;

Ou vendo o mar, das ermas cumiadas,
Contemplamos as nuvens vespertinas,
Que parecem fantasticas ruinas
Ao longe, no horizonte, amontoadas:

Quantas vezes, de subito, emmudeces!
Não sei que luz no teu olhar fluctua;
Sinto tremer-te a mão, e empallideces...

O vento e o mar murmuram orações,
E a poesia das cousas se insinua
Lenta e amorosa em nossos corações.

III

APPARIÇÃO

Um dia, meu amor (e talvez cedo,
Que já sinto estalar-me o coração!)
Recordarás com dor e compaixão
As ternas juras, que te fiz a medo...

Então, da casta alcova no segredo,
Da lamparina ao tremulo clarão,
Ante ti surgirei, espectro vão,
Lavra fugida ao sepulcral degredo...

E tu, meu anjo, ao ver-me, entre gemidos
E afflictos ais, estenderás os braços
Tentando segurar-te aos meus vestidos...

—«Ouve! espera!»—Mas eu, sem te escutar,
Fugirei, como um sonho, aos teus abraços
E como fumo sumir me-hei no ar!

Coimbra, 1864. ANTHERO DE QUENTAL.

Quinta da Sapateira, 5 de março.

Minha senhora e amiga. Recebo a sua intimação em Linda a Pastora, onde um percalço de gymnastica acaba de me reduzir a compota o dedo minimo da mão esquerda. É no cheiro pouco propicio da tintura d'arnica e com um braço ao peito que eu ponho o outro ao seu serviço. Se entender que pelo artigo que lhe remetto se conhece muito o estado em que tenho o dedo, peço-lhe que o deite fóra. Não quero compungir ninguem. O peso era de vinte kilos.

De V. Ex.ª
camarada e amigo obrigado

RAMALHO ORTIGÃO.

E Deus Nosso Senhor, abusando dos elementos ceramicos do Eden, houvesse feito as mulheres feias, esta fabricação ordinaria o collocaria como artista n'uma categoria inferior á de Praxiteles e de Raphael, e desacreditaria o Creador aos olhos da critica.

Mas Nosso Senhor não podia commetter nem evidentemente commetteu esse grosseiro erro de esthetica. A prova é que nos logares em que a natureza conserva o seu typo inicial a fealdade humana não existe. Nos paizes selvagens ha raças diversas, mas não ha mulheres differentes umas das outras. As pretas, por exemplo, são iguaes entre si como os portamachados.

A mulher verdadeiramente e authenticamente feia

é um producto da civilisação. Ella fez-se por suas proprias mãos, tendo inventado para deturpar a obra da creação as modas ridiculas, as côres ultrajantes, as fórmas contra a natureza e essa calumnia sacrilega da feminilidade a que ellas mesmas deram o nome indecoroso de *madamismo*.

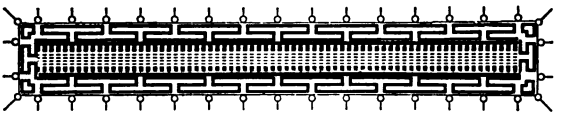
Para castigar esta rebellião dos anjos de azas postiças quer Deus que as mulheres feias persistam impenitentes na sua obra e sejam a deshonra da sua raça, o desgosto de seus paes, o ridiculo de seus irmãos e o descredito de seus maridos.

Se eu tivesse a honra de conhecer as senhoras caridosas da sociedade de Lisboa, uma obra meritoria que procuraria suggerir-lhes seria a da creação nacional de uma «escola de belleza», onde se ensinasse ás raparigas a arte de serem lindas.

É tão facil no fim de contas! com o seu simples corpinho por aleijar na nuca, nos quadris e nos calcanhares, com um vestido de riscadinho de seis vintens, um chapéo de palha, uma flor, um bocadinho de bondade no sorriso, uma pontinha de intelligencia no olhar, nunca vi mulher feia em minha vida.

Uma simples palavra de suas excellencias, e teriamos decretada uma reforma que me parece urgente —a belleza gratuita e obrigatoria.

RAMALHO ORTIGÃO.



Duas imitações

DE

HENRI HEINE

(A Luiza de Albuquerque)

I

Ich lieb eine Blume, doch weiss ich nicht welche;
Das macht mir Schmerz.

Sou doido por uma flor,
Mas não sei dizer por qual!
Que tristeza, meu amor!...

E n'esta procura ideal,
N'este aspirar sempre vão
Me gasto, buscando ancioso
A rosa, o lyrio mimoso
Em cujo calix radioso
Desabrocha um coração!

Uma flor que ame e que sinta!...
Que celeste primavera
Abriga a minha Chymera?...
Uma flor que me não minta?...

E espreito e procuro, e miro
Na minha insana paixão!...
Nenhuma flor que eu respiro
Nenhuma, tem coração.

Á noite o seio das flores,
Urna de castos olòres,
É tão doce de aspirar!
E um coração namorado,
—Meigo, triste, hallucinado—
Por entre as flores do prado
Eu procuro sem cançar...

Entre as franças do arvoredo
O rouxinol canta e chora,
E o soluçante segredo
D'essa voz, feita de aurora—
Vibra no meu coração.

Como elle a minha alma implora
Uma flor que ella namora,
Uma flor que busca em vão.

.....

Temos a mesma chymera
E a mesma insana paixão!...
Que as filhas da primavera
Nenhuma tem coração!

II

Gesanglos war ich und beklommen
So lange zeit — nun dicht ich wieder;

D'esta alma, ha tanto muda e desflorida
Ouve de novo a musica dolente...
Versos são como as lagrimas, querida,
Acodem de repente!...

É-me tão doce traduzir-te agora
Quanto o meu pobre coração soffreu!...
Chorar a morte nas canções d'outr'ora
De tudo que foi meu!...

E a pungitiva dôr extranha e vaga
De te amar, eu que nunca te entendi!...
Dôr que ao teu lado me lacera e esmaga
Sem que eu possa viver longe de ti...

.....

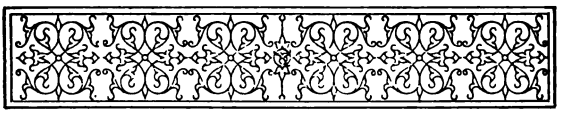
Oiço ás vezes suave e murmurante
O echo subtil de indefinidos ais...
Chamaes-me vós acaso ao lar distante?...
Não. São sonhos que passam. Nada mais.

Ó doces rouxinoes da patria minha
Que ouvi cantar pelas manhãs de abril,
É vossa, a voz que os seios me acarinha
E que povôa o meu sonhar febril?...

Onde é que estão as rosas perfumadas
Meus enlevos d'outr'ora, e meus amores?...
Jazem desfeitas, jazem desfolhadas...
D'ellas resta-me o aroma!... alma das flores...

Doce phantasma das perdidas rosas
Que vem pairar subtil, saudoso, ethereo...
Ao luar, pelas noites silenciosas,
No meu intimo e vasto cemiterio...

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



MEMORIAS E VIAGENS

(FRAGMENTO)

I

HA perto de quarenta annos que se passaram os successos descriptos n'este livro. Tão profundas foram as impressões produzidas na minha alma juvenil pelo espectaculo assombroso da natureza americana, que têem resistido impunemente ao correr do tempo e a dolorosas enfermidades. É preciso ver para crer as maravilhas que encerram as provincias do Pará e do Amazonas. Vaguei nove annos por aquella terra dos prodigios, e pretendendo agora pôr diante dos olhos do leitor alguns quadros dos muitos que por lá vi, sei que, apesar de ser pallida a cópia, me arrisco ainda assim a parecer exagerado. Imagine-se todavia quanto as minhas pinturas ficarão áquem da verdade, sendo feitas tanto tempo depois! E se, apesar d'isso, a minha memoria conserva ainda

estas reminiscencias, quanto deveria ser grandioso, unico, *sui generis* e incomparavel o theatro d'onde ellas proveem?!...

Para os incredulos tenho só uma razão conveniente: Mettam-se a bordo do primeiro vapor que sair para o Pará; percorram aquella provincia; subam o Amazonas, o Xingú, o Tapajós, o Negro; penetrem nas florestas, nas cachoeiras, nos lagos, nos desertos interiores; reparem nos logares que vou descrever-lhes... e, se lhes appetecer, provem alguns dos *bons bocados,* que eu tanta vez provei; e assim ficarão convencidos de que eu não faltei á verdade, apesar de nem sempre poder attingil-a nas minhas copias imperfeitissimas.

II

Confesso que a constante admiração que tenho pelos bellos e grandiosos espectaculos da natureza, o sincero enthusiasmo que me inspirou a fauna e a flora do Brazil podem levar-me por vezes a involuntarias prolixidades, talvez improprias d'uma simples narrativa de viagem. Perdõe-me o leitor indulgente, se assim succeder. Não pude resistir ás maravilhas, ás pompas de vegetação, que novamente passam ante os olhos da minha memoria. Foi-me de todo im-

possivel tornar a vel-as, e abster-me de observal-as, senão como naturalista, ao menos como poeta.

Na feliz idade em que vaguei pelas selvas do Pará e do Amazonas outros eram os meus cuidados. Só procurava então, nas arvores, fructos que fôssem gratos ao paladar; e nos animaes, os que tinham melhor sabor, depois de preparados. Se os tivesse visto com os olhos com que agora os contempla a minha saudade, poderia este livro não ser inteiramente inutil. A esse tempo, não pensava eu que viria a escrevel-o, nem que teria de lastimar-me por não ter olhado mais attentamente para scenas que, mesmo vistas sem reflexão, me deixaram tão grandiosas recordações.

III

Repito que apesar dos verdes annos que eu tinha, por occasião das minhas peregrinações sertanejas, não inventei nada do que vou narrar, e que sómente nos pontos em que falharam as minhas reminiscencias, recorri a auctoridades competentes. Quanto aos successos que me são pessoaes, e que podem talvez denominar-se as minhas aventuras, tambem nada exagero. Detesto o costume de certos viajantes; que, com as mais inoffensivas intenções do mundo, vêem tudo pela rama, quando não inventam.

Têem-se os francezes occupado muito do Brazil; porém, se exceptuarmos os srs. Ferdinand Denis, e Charles Ribaud, muitos d'elles fizeram, mais ou menos, a satyra do paiz, que lhes havia dado nobre e generosa hospitalidade. Não é d'esse genero o meu livro. Embora eu não escreva tambem para lisongear o amor proprio dos brazileiros. Digo o que vi, e as impressões que fui recebendo; mas não copío auctores similhantes ao auctor da seguinte anedocta:

«Entrou no Pará, em certa occasião, um navio de guerra francez, para tomar refrescos e tornar a sair immediatamente. Levava a seu bordo um sabio botanico. Este, apenas a embarcação deu fundo, metteu nas algibeiras queijo e bolachas, e partiu para a floresta, que lhe ficava mais proxima. Era de manhã cedo; o doutor pedira ao commandante que o mandasse pôr em terra, e que, se acaso tivesse de partir antes do seu regresso, o avisasse por meio de um tiro de peça. Desembarcou; o sol, que despontava no horisonte, dando em cheio na immensa vegetação debruçada sobre o rio, arrancou-lhe gritos de admiração e de assombro.

Mal o escaler abicára, saltou ligeiramente, e ficou logo em adoração diante de varias *aphelandras*, cujas flores similhavam espigas de oiro. Atiraram-lhe com o herbario acima de um monticulo, litteralmente coberto de explendidas *begonias*, especie que lhe era inteiramente desconhecida.

A pancada juncou o chão de flores, e obrigou o

sabio a rugir como um tigre contra o auctor da profanação insolita.

—Barbaro! Perdôo-te, por que não sabes o que fizeste.

Apanhou cuidadosamente os thesouros derrubados da planta maravilhosa, analysou-os detidamente e inscreveu-os no seu herbario, sob o nome de *begonia Paraensis,* de Jourdain.

Passou o dia para o feliz naturalista, como se fôra breve sonho. Não fumou, não comeu, nem reparou sequer que o sol descia para o occaso, senão no momento em que o tiro de peça da corveta annunciou aos que estavam em terra, que se ia suspender ferro. Mr. Jourdain olhou então com profunda dôr para a floresta, lastimando a impossibilidade de a levar toda comsigo, e desatou a correr pela praia fóra, em busca de embarcação que o levasse a bordo. Depois de grande estafa, avistou uma pequena canoa, com tres pessoas dentro, e chamou-a por acenos.

Approximou-se a embarcação, tripulada por um preto, um mulato, e um tapuio. O sabio fez-lhes entender, por gestos, e tambem com o auxilio de uma moeda de cinco francos, (idioma que todos percebem) que queria ir para o navio, que se avistava ao largo.

Os tres, sem dar palavra, receberam o sabio e o dinheiro, e partiram.

A meio caminho, Mr. Jourdain, que tinha tirado o chapéo, constipou-se e espirrou. Os remeiros

ergueram-se todos um pouco sobre os bancos, descobriram-se, e disseram, a uma voz:

—*Dominus tecum!*

Jourdain olhou-os com pasmo, e não respondeu por muito embatucado. D'ahi a pouco, espirro mais forte.

—*Dominus tecum!*—repetiram, com as mesmas cerimonias, os remadores.

O sabio levou a mão ao chapéo, e agradeceu, inclinando-se. Ao subir do portaló, espirrou terceira vez, e ouviu o ultimo—*Dominus tecum*—dos tres homens cortezes. Fez-lhes então profunda mesura, de chapéo na mão, e respondeu-lhes:

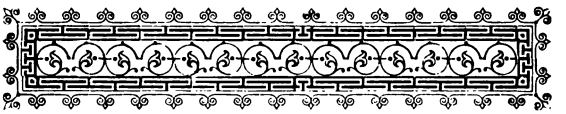
—*Vobis quoque.*

Correu ao camarote, e escreveu no seu *Diario:*

—«Pará: grande riqueza vegetal; porto franco; habitantes pretos, amarellos, e vermelhos; a lingua corrente é a latina.»—

.....

FRANCISCO GOMES DE AMORIM.



Em viagem

(Carta a F.)

És tu quem me conduz, es tu quem me alumia.
Para mim não desponta a aurora, não é dia,
Se não vejo os dois soes azues do teu olhar.
Deixei-te ha pouco mais d'um mez, — mez secular! —
E n'essa noite immensa, ah, digo-te a verdade,
Illuminou-me sempre o luar da saudade.
E n'esses montes nus por onde eu tenho andado,
Tragicos vagalhões d'um mar petrificado,
Sempre adiante de mim, d'entre a aridez selvagem,
Vi como um lirio branco erguer-se a tua imagem.
Nunca te abandonei! nunca me abandonaste!
És o sol e eu a sombra. És a flor e eu a haste.
Na hora em que parti meu coração deixei-o
Na urna virginal d'esse divino seio,
E o teu sinto-o eu aqui a bater de mansinho
Dentro em meu peito, como uma rola em seu ninho!

Traz-os-Montes, 1883.

GUERRA JUNQUEIRO.

E ainda mesmo que eu distribua todos os meus bens para sustento dos pobres, e entregue o meu proprio corpo para ser queimado, faltando-me a caridade, tudo isto de nada me aproveita.

S. Paulo, 1 Cor., xiii, 3.

Subjuga o espirito humano uma tendencia irresistivel para a generalisação e unidade. Nem ainda os que intentam mais systematicamente proscrever e afastar de si toda e qualquer concepção metaphysica conseguem levar de vencida a influencia de uma aspiração que constitue, em que lhes peze, principio inherente e essencial á razão do homem.

É assim que na esphera do sentimento já essa aspiração se evidencía creando o padrão ideal por onde póde aferir-se, e a cujo toque se aquilatam, os meritos e primores das creações artisticas do engenho humano.

No vasto campo dos conhecimentos e da sciencia impõe-se, por igual, a concepção generalisadora que abranja, domine e explique os factos parciaes,

traduzindo-se na elaboração dos successivos systemas de philosophia, synthese suprema com que se procura abarcar em um momento dado o inteiro saber.

No dominio da vontade, finalmente, a subordinação dos actos individuaes a um principio superior brota tambem com tamanha espontaneidade, emerge com impeto tão valente dos mais fundos recessos da consciencia, que a não ser essa subordinação inherente ao nosso organismo, de todo se tornaria impossivel, na phrase de Lange, o profundo pensador moderno, tentar sequer uma explicação para a origem da moral.

Factores sociaes de alcance similhante mal podem desconhecer-se. Para negar elementos de força com tão pronunciado cunho de realidade seria mister rasgar primeiro, e esquecer logo após, as melhores paginas da historia da civilisação. Na sua acção indisputavel, nos seus effeitos para todos patentes, vêem uma bem deduzida justificação da sua maneira de sentir e de pensar os que presistentemente affirmam, que, na ardente aspiração para um ideal consubstanciando a plenitude da bondade, a inteireza da verdade e o supremo grau da formosura, consiste o que ha de mais alevantado no individuo e na sociedade, e se encontra o preservativo unico susceptivel de ter mão em um embrutecimento e corrupção aliás inevitaveis.

Essa aspiração, porém, é um dos fundamentos natural, humano, incontrastavel da idéa religiosa, que

na união com Deus satisfaz a faculdade do sentimento, na methaphysica que d'ella é inseparavel envolve a esphera toda do pensamento, e pela moral a que dá origem e para a qual estabelece uma sancção, regula e domina todas as manifestações da vontade. O que só em parte, e para numero limitado de homens, conseguem as concepções philosophicas, as manifestações estheticas, ou a moral especulativa, alcança-o directamente e para o inteiro organismo social essa alavanca poderosissima, que opéra a um tempo sobre todas as faculdades do espirito humano.

Como elemento primordial indispensavel para manter um sopro vivificante, fóra de cuja acção a sociedade se desagrega e dissolve, a religião, sem invadir aliás attribuições de outro poder, circumscrevendo-se á sua legitima esphera, póde e deve purificar e ennobrecer, espiritualisando-os, o enorme e variadissimo complexo dos factos e das relações sociaes. A familia, a eschola, a economia publica, a sciencia, a arte, o estado só têem a lucrar, recebendo a consagração, acceitando o legitimo influxo, repassando-se do espirito, e sanctificando-se pela doutrina da religião, imposta não por meios coercivos mas livremente acceita, mantida com as armas da persuasão, accrescentada pela virtude do exemplo, por uma acção, emfim, toda espiritual e interna.

E é sob este aspecto que a moderna sociologia a encara e profunda, lhe assignala scientificamente a verdade indisputavel e lhe reconhece a legitimidade

de ácção. N'ella está o factor indirecto e insubstituivel que tem de cooperar na solução d'esse problema instante, que se impõe a quantos estudam e reflectem, a quantos lidam na reorganisação politica e economica do corpo social, pulverisado pela acção dissolvente de um individualismo mesquinho, deprimido pelo materialismo o mais grosseiro, achacado de uma falsa philosophia positiva, que exclue do seu campo de analyse precisamente aquelles factos que mais se impõem, e ácerca de cuja existencia e acção menos possivel pareceria a dúvida.

Não deve, porém, inferir-se de quanto precede que seja dado á Igreja, como representante legitima do principio religioso, manifestar parcialidade por qualquer das fórmulas transitorias que o governo das sociedades póde affectar em um determinado momento historico. Talvez ainda menos lhe cumpra alistar-se nas fileiras dos que propugnam por uma transformação integral, ou sustentar os que defendem uma phase qualquer da organisação economica. Outra, bem mais alta, deve ser a sua missão; consiste ella, como dissemos, em insufflar de novo o fogo sagrado do espiritualismo no exercicio de todas as variadissimas funcções sociaes, em subordinar a esse principio redemptor as manifestações complexas da actividade humana, quer politicas ou economicas, quer scientificas ou technicas.

E não será absorvendo o Estado na Igreja, ou dissolvendo esta nos membros e diversos elementos

componentes da sociedade civil; nem tão pouco lavrando um sulco profundo que estabeleça a divisoria entre ambas, e arvorando uma indifferença fatal como norma da sua reciproca coexistencia, que se resolverá o problema debatido no decurso dos seculos XVIII e XIX. Os primeiros raios d'essa nova alvorada da humanidade, que deve encher de fulgores o seculo XX, tremulam já no horisonte; justificam elles a esperança de ver finalmente restituida ao mundo a paz religiosa, restabelecendo-se a harmonia entre a Igreja e o Estado, assegurada a justa e reciproca influencia entre esses dois potentes organismos, e resalvada a sua independencia no exercicio das funcções especificas de cada um.

Discorrendo ácerca do sentimento religioso, fômos levados insensivelmente a fallar da Igreja. Foi o preito involuntario prestado á logica das idéas. Com effeito, suppôr possivel a manutenção do primeiro, fóra da existencia e da disciplina da segunda, é desconhecer que entre todas as feições syntheticas do espirito humano, nenhuma tende com maior energia para a unidade, se impregna tanto do sentimento collectivo, e constitue um laço social mais inquebrantavel do que a pura aspiração religiosa.

É, portanto, apontando em tudo e sempre para a perfeição divina, tendo constantemente em mira um ideal supremo, que a religião, ou antes a Igreja que a consubstancía, póde, pela acção directa exercida sobre os animos, influenciar por fórma alta-

mente benefica a livre acção de todas as instituições sociaes e o seu successivo e indefinido aperfeiçoamento.

É assim que ella consegue submetter amiudadas vezes, sem obrigação de lei, os corações, que nem leis e ameaças acabariam de levar para o bem, e transformal-os, no dizer do Padre Antonio Vieira, de logares de abominação e de torpeza em logares de pureza e de santidade, accrescentando a estas palavras o eloquente jesuita e como supremo argumento comprovativo da sua these:

«Pois porque cuidaes que se pôz Christo em uma cruz, senão para levar a si os nossos corações? Quando fôr crucificado, diz o Senhor, tudo hei de levar após mim.[1] E qual é o tudo de Deus n'este mundo senão o coração do homem? *Fili probe mihi cor tuum.*[2] *Filho dá-me o teu coração.* Não quero outra cousa.»

Dar a Deus o coração o que é, porém, senão a caridade, isto é o amor ardente pelo Sêr Divino, e sobre essa base amplissima, o de todos os homens entre si? E o que não vale como vinculo social a caridade, se não para vencer os abysmos insondaveis da miseria e do mal, como balsamo moral e allivio efficaz para os soffrimentos profundos que torturam a humanidade?

---

[1] S. João, XII, 32.
[2] Prov.. 23.

Pouco póde a esmola, em verdade, pelo que significa materialmente. Mas a esmola não é a caridade. Em um livro que ha de constituir sempre uma das glorias do espirito humano, e leitura predilecta das almas accessiveis á comprehensão de quanto tem de dramatico as grandes lutas da vontade e o triumpho final d'esta sobre as paixões, nas suas *Confissões,* assemelha Santo Agostinho as obras de misericordia aos fructos da terra. Affirma, porém, o bispo de Hyppona que não é o donativo em si que merece ser comparado ao fructo, mas sim o espirito com que é offerecido, e rompendo no mais eloquente commentario á narração em que o apostolo das gentes mostra, na sua epistola aos Filippenses, o muito que se alegrára no Senhor com as dadivas que por duas vezes estes lhe haviam enviado para Thessalonica, accrescenta, citando o sagrado texto:

«Não é, disse S. Paulo, porque experimente necessidades que assim fallo; eu tenho aprendido a contentar-me com o que possuo.

«Sei estar humilhado, e sei tambem viver na fartura; de todos os modos estou affeito a tudo; a estar saciado e a ter fome; a estar na abundancia e na pobreza. Tudo posso n'aquelle que me conforta.»

«D'onde vem pois», assim exclama Santo Agostinho, «que vos alegraes, ó grande Paulo? o que poude dar-vos contentamento? o que é que vos alimentou homem «renovado pelo conhecimento de Deus se-

gundo a imagem d'aquelle que vos creou»,[1] espirito animado de uma tamanha virtude, lingua alada que exprimis os mysterios?

«Para almas taes, só um alimento igual póde ser ministrado.

«O que é pois que vos alimenta? É a alegria. Attentemos no que se segue.

«Comtudo, diz S. Paulo, fizestes bem tomando parte na minha tribulação.

«O que o rejubila, o que o alimenta é ter recebido d'elles um beneficio, e não o haver com esse beneficio alliviado a sua miseria; o que o alegra no Senhor é vêl-os mais uma vez exercendo as obras de misericordia, que haviam descurado, revestindo-se de nova florescencia como um campo fertil se reveste de verdura. Será por causa de suas necessidades, por quanto diz:

«Porque uma e tambem duas vezes me enviastes o que me era necessario?» Será por isto que elle se alegra? De modo algum. E de onde o inferimos? Do que accrescenta logo em seguida.

«Não, porque não busquei, vossas dadivas, mas *um fructo* que abunde em vossa conta.»[2]

E repassado o animo de pasmo pela perfeição da doutrina apostolica, Santo Agostinho exclama:

«Aprendi de vós, ó meu Deus, a distinguir a da-

---

[1] Col. III, 10.

[2] S. Paulo, Filipp. IV, 10 a 18.

diva do fructo. A dadiva é o proprio objecto entregue por quem distribue as cousas necessarias, o dinheiro, o alimento, a bebida, o vestuario, o abrigo, a esmola emfim; o fructo, pelo contrario, é a vontade boa e recta de quem dá.»

Espiritualisar assim a esmola; penetral-a do sentimento christão, ungindo-a com o balsamo religioso; erguel-a do nivel rebaixado de mesquinha convenção social, a que a fez descer a mais gelida philantropia, revestindo-a da graça que sanctifica e perfumando-a com o aroma subtil da modestia e da virtude; levantal-a finalmente até ao throno de Deus, assim desprendida ao bafo ardente do amor divino do seio das nossas fraquezas e miserias moraes, como do charco lodacento se evapora ao calor do sol a agua condensada pouco depois na gotta de orvalho pura e crystallina, é tarefa mais do que nunca opportuna.

Mais do que nunca importa hoje que no coração de todos se grave a sentença seguinte do Ecclesiastes:

«Filho não *defraudes* nem tires ao pobre a esmola; *não vires os olhos para outra parte pelo não veres; não o escandalises,* nem lhe regateies a esmola.»[1]

Não vires os olhos para outra parte pelo não veres; não o escandalises, expressões estas verdadeiramente inspiradas, que envolvem a comprehensão

[1] Eccl. IV, 1, 2.

plena da caridade, distinguindo a esmola do fructo, e que em parte reapparecem no livro de Tobias, onde se lê:

«Dá esmola e alcançarás o perdão de teus peccados.

«Faze esmola da tua fazenda, *e não vires o rosto ao pobre e Deus não apartará o seu de ti* para te fazer misericordia.

«Teu pão e tua comida parte-os com os pobres, e com tuas roupas e vestidos cobre a carne dos que estão nus.»[1]

Admiravel linguagem esta da Escriptura, que attinge assim sem esforço nem artificio o ultimo grau do sublime, e consegue gravar na alma em caracteres indeleveis os preceitos que formula, por pouco que esta queira, desprendendo-se de terrestres preoccupações, fitar, sequer por momentos, a grandeza do mundo moral.

«Esconde o teu pão em o seio do pobre»,[2] palavras são estas tambem do Ecclesiastes. E onde e quando a não ser pela propria bocca de Christo, se formulou o preceito do recato na dadiva por fórma mais conceituosa? Não exhala aquella phrase um inimitavel perfume de modestia, não rescende um aroma de poesia sem parallelo com o dizer das letras humanas? Não se entrevê ali o premio celestial

[1] Tobias, IV, 7, 8 e seg.
[2] Eccl. XXIX, 15.

como fructo abençoado da semente da caridade cautelosamente occulta no seio do desvalido?

«Chama os pobres»,[1] assim se lê em Isaias, «os fracos, coxos e cegos, e serás bemaventurado; que se bem não tem elles com que te pagar, quando os justos fôrem remunerados e apremiados se te pagará tudo.

«Parte teu pão com o faminto, e recolhe em tua casa o necessitado e o peregrino. Quando vires o pobre despido dá-lhe com que se cubra, *e não desprezes a quem é da tua carne e sangue.*»

E qual será no dizer do propheta, divinamente inspirado, a recompensa do que assim proceda? Ouçamol-o, possuidos do mais profundo espanto. Falla Jehovah por sua bocca:

«*Invoca-me então e te ouvirei; chama-me e te responderei: «Eis-me aqui.*»

«*Eis-me aqui*», dil-o o Senhor, e é a caridade que me dá direito a invocal-o e a ser ouvido, a chamal-o e a vel-o corresponder ao meu chamamento. Oh poder maravilhoso e abençoado da esmola, que bastas para aproximar a creatura do creador, e com essa esperança confortas e alentas o animo ainda o mais deprimido! Oh força celestial que acabas por inspirar nos eleitos da graça divina o impulso irresistivel para obediencia ao conselho d'Aquelle, que

[1] Isaias, LVIII, 7, 8, 9.

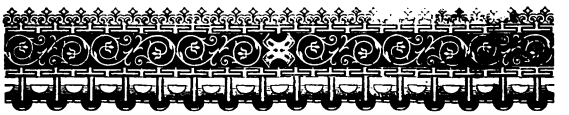
vindo completar a lei e não destruil-a, pôde definir assim a extrema perfeição:

«E se queres ser perfeito, vae, vende o que tens e o dá aos pobres, e terás um thesouro guardado no Céo.»[1]

Lisboa, em Sexta-feira maior.
3 de abril de 1885.

HENRIQUE DE BARROS GOMES.

[1] S. Math., XIX. 21.



FIORÈTTO

«Trago-te uma rosa linda!
Pois não é linda, mamã?...
Vem toda molhada ainda
do orvalho d'esta manhã!

E o botão?! como é galante
o botão que a rosa tem!...
Muito escondido, o tratante,
aqui nas folhas da mãe!

Olha, vês? Todo córado,
só porque lhe puz a mão!...
Eu acho muito engraçado
este pequeno botão!...—

—«Pois muito bem, minha filha;
dá-me a mim sómente a flor.
Espera, eu faço a partilha...
Mas tu choras, meu amor?!—

—«Mamã, não cortes. O que ha de
ser do filho sem a mãe?...—
—E ella sem elle... é verdade...
Filha, filha, dizes bem.»

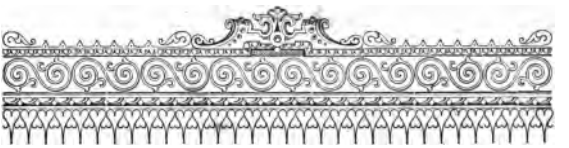
E chora e beija a creança
e une-a muito, muito a si...
Ella então solta-lhe a trança
e cobre-se toda alli.

Depois por entre uns risitos,
especie de pipilar,
que lembrava os passaritos
quando os paes voltam do ar,

Diz, e ainda lacrimosa
riu-se a mãe a ouvil-a então
«Mamã, tu fazes de rosa
e eu cá estou como o botão.»

Abril, 85

FERNANDO CALDEIRA.



Tanta gente á procura da felicidade por montes e valles imaginarios, onde um levanta uma choça e outro um palacio,—que logo mudam, ainda a obra em meio, palacio d'aqui, choça d'alli,—para outra vez largarem á descoberta, de sonho em sonho, no alcance da patria da ventura, que escorrega e foge debaixo dos pés... E, d'esta vez, peregrinos como somos e pobrezinhos, até sem lyra no alforge, chegámos á fronteira; chegámos-lhe; lá está ella, a felicidade... Dar. Fazer bem. Lá está ella, a luzir entre flores!

Julio Cesar Machado.

Duas forjas

(A Alberto Braga)

Regressavam da lida os bois e os lavradores.
Para a estrada cantar, o campo emmudecia...
E, como a annunciar o descanço do dia,
Rompia o fumo já dos cólmos protectores...

Desdobrava-se ao longe, em vivissimas côres,
Da tragedia do occaso a tela fugidia,
Em que o gladio da Noite, a invasora sombria,
Faz do flanco do Sol brotar sanguineas flores!

Caminho fóra é quasi ás portas do povoado,
Onde o sitio se aplana e alarga n'um terreiro,
—D'um antro enegrecido, um vulto acobreado,

Musculoso, de pé, á ilharga d'um brazeiro,
Oppunha,—de avental de couro, ar concentrado—
Á forja occidental a forja de ferreiro...

M. Duarte d'Almeida.

Outro amavel milagre

N'esse tempo Jesus ainda não sahira de Galiléa, das margens do lago de Genesareth: mas a nova dos seus milagres chegára já a Sichem, cidade rica, entre vinhedos, no paiz de Samaria. Uma tarde um homem passára com os cabellos ao vento, dizendo que um novo Rabbi, um novo propheta, andava pelas verdes collinas que vão de Magdala a Capharnaum, annunciando o advento do reino de Deus, e curando todos os males humanos. Em quanto descançava junto ao poço de Jacob, o homem contou mais que o Rabbi, n'um campo ao pé de Capharnaum, sarára o servo d'um Centurião romano, de longe, e só com murmurar suavemente uma palavra; e n'outra tarde, tendo atravessado n'uma barca de Galiléa para a terra dos Gerasenios, onde se fazia a colheita do balsamo, resuscitára a filha de Jaira, homem consideravel que

lia na Synagoga. E como a gente em redor lhe perguntava se esse era o Messias, e que doçura havia nas suas palavras, o homem ergueu-se, apanhou o cajado, e sem sequer beber do poço onde bebera Jacob, desappareceu, com os cabellos ao vento, por entre as rochas, no caminho que leva a Bethania. Mas uma esperança, deliciosa como o orvalho do Hermon, ficára refrescando as almas; e logo a terra pareceu menos dura, e todo o fardo pareceu menos pesado...

Ora, em Sichem, vivia um velho chamado Obed, senhor de rebanhos, senhor de vinhas, d'uma familia pontifical, que, desde os antigos cultos d'Israel, sacrificava no alto do monte Ebal. Mas um vento abrazador, esse vento de desolação que vem, á voz irada do Senhor, do fundo das terras d'Assur, matára as melhores rezes dos seus largos rebanhos; e, nas encostas onde lhe tinham crescido mil pés alegres de vinha, negrejava agora só a esterilidade das urzes. Obed, com a cabeça escondida no manto, lamentava-se á beira dos caminhos.

Depois ouvindo em Sichem fallar do Rabbi de Galiléa, que alimentava as multidões, e emendava todas as desgraças humanas, Obed, homem lido, pensou comsigo que o Rabbi seria um d'esses feiticeiros que maravilhavam a Judéa, como Appollonius, o da voz de bronze, e o subtil Simão de Samaria. Esses, mesmo nas noites escuras, conversavam com as estrellas; e sabiam as palavras que afugentam de sobre

as cearas os moscardos negros, gerados nos lodos do Egypto. Jesus, mais poderoso que Appollonius, mais subtil que Simão, sustaria a mortandade dos seus gados, e faria reverdescer as suas vinhas... Obed chamou os servos, e ordenou-lhes que fôssem buscar o Rabbi ás cidades de Galiléa.

Os servos apertaram os cintos de couro,—e largaram correndo para o norte, pela estrada das caravanas que conduz a Damasco. Uma tarde avistaram, sobre o poente vermelho, as neves do monte Hermon. Depois o lago de Generaseth resplandeceu diante d'elles, espelhado, azul-celeste, e calmo na frescura da manhã: um bando lento de cegonhas brancas cortava o céo claro, voando para os lados de Safed; a cidade nova de Gamala tinha um doce brilho de marmore, entre as verduras; e a agua, transparente e sem murmurio, banhava os pés das hervas altas e dos aloendros em flor. Um pescador que ali desamarrava preguiçosamente a sua barca, disse-lhes que o Rabbi deixára a Galiléa, e partira com os discipulos para os lados de Galaad, para onde desce o Jordão.

Os servos seguiram, correndo, sem repouso, até ao sitio onde o Jordão, mais baixo, tem um largo remanso, e dorme um instante, immovel e verde, á sombra dos tamarindos. Da entrada d'uma cabana, feita de rama, um Essenio, coberto de pelles de cabra, soturno e selvagem, gritou-lhes que Jesus, sósinho, se afastára «para além». Mas aonde

era «além»? O Essenio, com um gesto brusco, indicou vagamente as montanhas da Judéa, Engaddi, e as fronteiras rôxas do reino d'Asketh onde se ergue, sinistra sobre o seu rochedo, a cidadella de Makaur. Mas debalde os servos arquejantes procuraram até ao paiz de Moab. Jesus não estava ali. Um dia, já na volta, um Escriba, que recolhia a Jerichó, passou por elles, montado na sua mula. Os servos d'Obed rodearam-n'o, perguntando-lhe se encontrára um propheta de Galiléa que fazia milagres. O homem da Lei bradou-lhes que nem havia prophetas, nem havia milagres fóra de Jerusalem, e que só Jehovah era forte no seu Templo: e perseguiu-os ainda, ás pedradas, em nome do Senhor d'Israel. Os servos fugiram para Sichem. E grande foi a desconsolação d'Obed por que os seus rebanhos morriam, as suas vinhas seccavam—e a esse tempo crescia em Samaria, consolador e cheio de promessas divinas, o nome de Jesus de Galiléa.

Ora um Centurião romano, Publius Septimus, commandava então o forte que domina o valle por onde se vae a Cesarea e ao mar. Publius era homem prospero, e gosava os favores de Flaccus, Legado Imperial na Syria. Mas, desde tempos, sua filha unica, e infinitamente amada, definhava com um mal estranho, incomprehensivel mesmo aos esculapios e aos magicos que elle mandára consultar a Sidon e a Tyro. Branca e triste como a lua, sem se queixar e sem fallar a seu pae, deixava-se finar,

sentada na esplanada do forte, sob um velario, olhando melancholicamente os longes azulados do mar de Tyro, por onde ella viera d'Italia, n'uma galera, com soldados. Por vezes ao seu lado um legionario, d'entre as ameias, apontava lentamente ao alto a flecha, e varava uma grande aguia, voando d'aza serena no azul. A filha de Septimus seguia um momento a ave, torneando, até bater morta sobre as rochas; depois, mais triste e mais pallida, continuava a olhar o mar.

Então Septimus tendo ouvido d'estes feitiços do Rabbi, tão potente sobre os Espiritos, que curava todos os males, destacou tres decurias de soldados a procural-o em todas as cidades da Decapola, na Perea, e ao longo da costa até Ascalon. Os soldados metteram os escudos dentro dos sacos de lona: e partiram, fazendo resoar as sandalias ferradas sobre as lages das tres estradas romanas que se encruzam em Samaria. De noite as suas armas brilhavam no alto das collinas, entre a vermelhidão dos archotes. De dia penetravam nos casaes, rebuscavam a espessura dos pomares; e as mulheres inquietas traziam-lhe figos, e malgas cheias de vinho de Safed, que elles bebiam, ás mãos ambas e d'um trago, sentados no chão, á sombra dos sycomoros. Ao passarem nos postos romanos, e dizendo o nome de Septimus, outros legionarios, ou homens das cohortes syrias, juntavam-se-lhe, levando no capacete um ramo de oliveira. Mas pouco a pouco estas inuteis marchas,

á busca d'um Rabbi judeu, irritavam-nos: agora faziam parar as caravanas, brutalizavam a gente nos burgos, clamando o nome de Jesus. Ao avistal-os, os pastores de Idumea, que dão as rezes brancas para o Templo, refugiavam-se á pressa nos montes; e da beira dos eirados das villas, os velhos sacudiam sobre elles as mãos cheias de maus presagios, invocando a colera de Elias. Nas visinhanças de Hebron arrastaram para fóra das grutas os Solitarios, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar onde se escondia Jesus de Galiléa; e a ignorancia de dois mercadores, que vinham de Joppé com uma carregação de malobatro, e que não tinham jámais ouvido o nome do Rabbi de Galiléa, foi-lhes contada como um delicto e pagaram vinte drachmas ao decurião. Assim proseguiram até Ascalon; não encontraram Jesus; e retrocederam ao longo da costa enterrando as sandalias nas areias ardentes. Uma madrugada, junto a Cesarea, avistaram, sobre um fresco outeiro, um bosque de loureiros onde alvejava recolhidamente o frontão liso d'um templo. Um velho, de barbas brancas, vestido de linho alvo, esperava alli, grave e religiosamente, a apparição do sol. Os soldados, de baixo, perguntaram-lhe, agitando os ramos d'oliveira, se elle sabia d'um propheta de Galiléa que fazia milagres. O velho, sereno e sorrindo, disse-lhes que não havia prophetas, nem havia milagres, e só Appolo Delphico conhecia o segredo das cousas. Então devagar, com a cabeça

baixa, como n'uma tarde de derrota, os soldados recolheram ao forte de Samaria. E grande foi o desespero de Septimus, porque sua filha morria, sem se queixar e sem fallar a seu pae,—e a fama de Jesus de Galiléa ia subindo, allumiando toda a Samaria, como a aurora quando se levanta por traz do monte Hermon.

Ora junto a Sichem, n'um casebre, vivia então uma viuva, desgraçada entre todas, que tinha o filho doente com as febres. O chão miseravel não estava caiado, nem n'elle havia encherga. Na lampada de barro vermelho seccára o azeite. O grão faltava na arca: o ruido dormente do moinho domestico cessára, e esta era, em Israel, a evidencia cruel da infinita miseria.

A pobre mãe, sentada a um canto, chorava;—e estendida sobre os seus joelhos, embrulhada em farrapos, pallida e tremendo toda, a creança pedia-lhe, n'uma voz debil como um suspiro, que lhe fôsse chamar esse Rabbi de Galiléa de quem ouvira fallar junto ao poço de Jacob, que amava as creanças, nutria as multidões, e curava todos os males humanos, com a caricia das suas mãos. E a mãe dizia, chorando:

—Como queres tu, filho, que eu te deixe, e vá procurar o Rabbi a Galiléa? Obed é rico e tem servos, eu vi-os passar, e debalde buscaram Jesus por areaes e cidades, desde Chorazin até ao paiz de Moab. Septimus é forte e tem soldados, eu vi-os passar e

perguntaram por Jesus sem o achar desde o Hebron até ao mar... Como queres tu que eu te deixe? Jesus está longe, a nossa dôr está comnosco. E sem dúvida o Rabbi, que lê nas Synagogas novas, não escuta as queixas d'uma mãe de Samaria, que só sabe ir orar, como outr'ora, no alto do monte Gerazim.

A creança, com os olhos cerrados, pallida e como morta, murmurou o nome de Jesus. E a mãe dizia chorando:

—De que me serviria, filho, partir e ir procural-o? Longas são as estradas da Syria, curta é a piedade dos homens. Vendo-me tão pobre e tão só, os cães viriam ladrar-me á porta dos casaes. De certo Jesus morreu; e com elle morreu, uma vez mais, toda a esperança dos tristes.

Pallida, e desfallecendo, a creança murmurou:

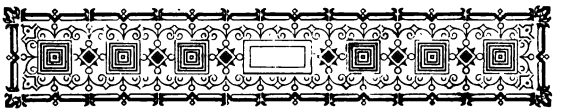
—Mãe, eu queria ver Jesus de Galiléa.

E logo, abrindo de vagar a porta e sorrindo, Jesus disse á creança:

—Aqui estou.

Lisboa, abril

EÇA DE QUEIROZ.



A UMA CRIANÇA

Tu és risonha, socegada e pura,
No teu olhar ingenuamente brilha
O olhar de Deus; ó doce creatura,
Como eu te invejo, filha!

O teu coraçãosito perfumado
Como um botão de rosa, quando o vejo
A abrir-se n'um sorriso immaculado,
Filha, como eu te invejo!

Quando a minha alma se escurece e chora
Sob os ramos fataes da mancenilha,
Ao ver a tua deslumbrante aurora,
Como eu te invejo, filha!

Chamas-me ás vezes o teu velho amigo
E beijas-me no rosto; a cada beijo
Abraço-te, criança, e te bemdigo...
Mas ai! Como eu te invejo!

MACEDO PAPANÇA, VISCONDE DE MONSARAZ.

Ex.ma Sr.a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

O seu pedido, minha senhora, fez-me ter saudades dos meus vinte annos, quando eu sentia desabrochar expansivamente no cerebro a luminosa flor, que, na alma de Victor Hugo, desenvolve os perfumes estonteadores das «Orientaes» e das «Vozes Intimas».

Dizem que os poetas são millionarios, Cresos do sentimentalismo, Rotschilds da imaginação, opulentissimos banqueiros da harmonia.

E eu nem possuo as adoraveis notas do Banco de Portugal, nem as notas cristallinas, que os rouxinoes da fantasia vinham cantar outr'ora nos ethereos jardins d'Armida, que eu tantas vezes sonhava melancholicamente.

Dar-lhe uma pagina em prosa para o seu album de caridade, seria uma imperdoavel profanação, se eu não soubesse de quanto é capaz a poderosa influencia de uma senhora privilegiadamente talentosa.

V. Ex.ª saberá converter em poesia a prosa d'este bilhete e essa poesia transformar-se-ha em valiosa moeda para as creancinhas pobres, que buscam em V. Ex.ª a sua aza de protecção. A caridade de Santa Isabel metamorphoseou o ouro em rosas; a caridade e o talento farão agora superior milagre: tornarão em poesia e em dinheiro as prosaicas linhas de quem, com a maior estima e consideração, se assigna

De V. Ex.ª
admirador sincero e creado obediente

SOUSA VITERBO.

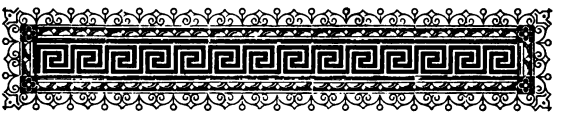
SC. Salitre, 234, 2.º
5 de abril de 1885.

No leque

de uma senhora

Como foi justo Deus em a fazer tão linda,
E a mim tão feio e bravo!...
Em fazel-a *senhora*, e muito justo ainda
Em me fazer *escravo!*

Alberto Braga.



Um borrão

N'uma aguarella

Uma d'estas manhãs, ao sahir de casa, encontrei uma figurinha encantadora de creança—uma varina—fazendo já o balanço do fructo do seu trabalho. Com a pequena canastra entalada entre o corpo franzino e o muro d'um quintal, levantando a ponta do oleado pintado de fresco e prateado pelas escamas reluzentes d'uns tristes carapaus, contava o seu dinheiro. O sol batia-lhe em cheio, dando aos seus cabellos louros o brilho phantastico d'uma aureola. Os olhos verdes, muito espertos, tremeluziam como as aguas d'um mar sereno n'uma tarde de estio. O perfil, d'uma correcção de linhas inexcedivel, afogava-se-lhe finamente na garganta, na intersecção muito alta do lenço de chita, claro e cruzado sobre o peito. A bocca de cherubim, talhada no escarlate vivo da petala d'um geranium, entreaberta, sorria

com meiguice. A saia curta, escura, de fartas pregas, levantada ainda pela faixa de linho, apertada um pouco abaixo da cintura, deixava-lhe a descoberto, quasi até aos joelhos, as pernitas nuas delicadamente contornadas. E ao ver-lhe os pés tão brancos, pousados no aspero bazalto do passeio, appetecia realmente ir buscar-lhe uma almofada de pennas coberta de velludo e rendas. Tão graciosa, tão senhora, tão gentil, ninguem que a visse deixaria de a tomar pela filha estremecida d'uma princeza formosissima, perdida assim na rua, n'um dia de entrudo, vestida para um baile de creanças!

Em volta d'ella um gato felpudo, com o pello levantado, eriçado, rondava gulotonamente. Atrevido, estacou um instante, e, fincando-se nas pernas, arqueando a espinha, saltou d'um pulo á canastra, da canastra ao muro, ligeiramente, n'um relampago, levando na bocca um carapau! A pequenita, com os punhos cerrados, livida, transformada, gritou-lhe atravez da sua bocca de cherubim talhada no escarlate vivo da petala d'um geranium, um palavrão grosso de regateira, raivoso e abominavel!...

Lisboa, abril de 1885.

BERNARDO PINHEIRO.

SONETO MODERNO

MULHER, se é força ver-te e desejar-te,
E desejar-te, amor, é offender-te;
A fineza será o não querer-te
Pois querer-te seria o aggravar-te.

Não sei o que será não adorar-te;
Mas como tanto aspiro a merecer-te,
Crendo não ser decoro appetecer-te,
Já penso em não te amar, e respeitar-te.

Mas o que importa isto, se estou vendo
Que em servir-te cruel, e não te amando
Dar-te mais pura adoração pretendo.

Como, pois, esta vida irei passando...
Que se a fugir o meu amor te rendo,
Novo modo será de te ir amando.

*

A CARIDADE

E

A SOLIDARIEDADE SOCIAL

I

A HISTORIA da terra e dos homens foi por muito tempo um fio ligeiro de tradições confusas e mal ligadas, que fluctuavam n'uma atmosphera d'azul e d'oiro, projectada para os tempos volvidos pela phantasia ignorante, mas fecunda, do mesmo modo que da plena seiva dos terrenos incultos se projectam as arvores que sobem ás grandes alturas.

Lêde os primeiros historiadores da antiguidade; reflectem-se-lhes no pensamento e no estilo as incandescencias abrazadoras ou o céo sereno e as virações harmoniosas e tepidas do clima; em Moysés sente-se o deserto; em Herodoto goza-se a Grecia; mas em ambos vê-se atravez das luctas humanas o que

elles suppõem que fôra o berço da humanidade; n'um o convivio amigavel dos deuses e dos homens; no outro um eden entre rios, e n'elle o homem e a mulher conversando com Deus, tendo as feras por servos, sendo o trabalho uma inutilidade, e não existindo nem a dôr, nem a magoa;—luz de poesia, que reflectida depois de seculos no cerebro d'um Milton, se tornou um deslumbramento,

Mas n'uma tradição os deuses retiraram-se um dia para o Olympo, ficando quasi desertos e desanimados os montes e os campos em que elles discorriam alegres, perdendo os astros um pouco da sua luz, porque lhes faltou a que lhes vinha do seu perenne sorriso; na outra, o eden desapparece, queimado pela espada de fogo d'um anjo, inflammado em coleras, suscitadas por uma desobediencia. Começa em toda a parte a via dolorosa; e se no eden cada fera era um amigo do homem, fóra d'elle cada homem torna-se uma fera, e a guerra é a mais nobre, a mais levantada e a mais ordinaria expressão da vida.

No meio do egoismo, que seria infrene, se não fôssem as necessidades de união para a lucta, fazem ouvir a sua voz as religiões, que nascem da philosophia, do direito e da moral que ha no fundo da humanidade e das coisas, e commovem e revolvem os espiritos as vozes possantes e magicas dos dilectos da natureza, em cuja alma ella concentrou todas as energias do bem. É Socrates que discute no ágora; são os Gracchos que sobem á tribuna; é o Christo que

ensina o sermão da montanha; dão cicuta a um; arrojam os outros ao Tibre; o ultimo é pregado n'uma cruz; mas a humanidade redime o seu crime, porque, se os matou um dia, adora-os uma eternidade.

Dos mandamentos precisos de Moysés; das elegias profundas e dos canticos solemnes dos poetas da raça hebréa; das palavras doces de Jesus, mais perfumadas que cheias de claridade; da philosophia que vem da Grecia e que se cruza com a que vem do Oriente; de nova ordem de coisas e de novas necessidades—fórma-se uma religião nova, e surgem no meio das tristezas do mundo duas apparições radiosas até então desconhecidas—a Esperança e a Caridade,—uma sorrindo e attrahindo; outra sorrindo e consolando; eternamente risonhas, e eternamente resignadas, são duas filhas immortaes d'aquelle bondoso Jesus, de quem os historiadores disseram que nunca sorrira.

Fórma-se então a crença de que o homem seria restituido ao paraizo, mas depois da morte; a Esperança aponta-lhe para o céo; a Caridade no entretanto vai percorrendo a terra, passando e fazendo o bem, e levando comsigo um sequito immenso de mulheres, que se reconhecem suas irmãs; depois porém de tantos seculos, anda cançada da sua lida nunca terminada; com o sorriso quasi extincto, porque não póde extinguir a miseria; e afflicta e desalentada, porque quando pergunta se sempre haverá

desgraçados, ouve a voz de Jesus que lhe responde —Sempre tereis pobres comvosco.

Parece-lhe até á infeliz, a quem ha mais de um seculo fazem essa accusação, que ella analysa, e em que ás vezes descobre umas luzes de verdade, que a pobreza é filha da sua prodigalidade; que por onde ella passa nascem legiões de preguiçosos e de famintos; tem então impetos de avareza, e, julgando-se malefica, aperta e cobre os seios uberrimos e nutrientes; mas quando de novo vê a fome a dilacerar a infancia mimosa, a arremessar para a abjecção a mocidade risonha, a macerar os ultimos fios de vida da velhice invalida, então, sacudindo o cansaço, trocando o desalento por enthusiasmos, corre veloz como a luz, prega eloquente como um apostolo, e activa, como um guerreiro de raça, reune n'um exercito bemfazejo tudo que subjuga, tudo que fascina —o prestigio do talento, da formosura, da bondade, da opulencia, da fidalguia, da realeza, todas as aristocracias, emfim, para com os reflexos luminosos, attrahentes, lisongeadores ou fagueiros de todas ellas persuadir um publico, ás vezes no meio d'uma festa, a que dê esmola para os seus pobres.

Enxugam-se então lagrimas á luz do sorriso da Caridade, do mesmo modo que com a luz do sol se evaporam as aguas dos charcos cavados na terra por um dia tempestuoso d'inverno; mas quando a festa está finda, a eterna romeira vai sentar-se á beira-mar e pergunta de novo—Será eterna a miseria? e a esta

pergunta, já triste, accrescenta outra, que ainda o é mais—E, como me têem dito, serei eu, não um remedio d'ella, mas uma cumplice?

II

«Não; disse a Sciencia á sympathica devaneadora, que duvída quando pensa, e sabe ter crenças, quando é preciso soccorrer e consolar; não; a historia não é o que te contaram; o eden não o talou uma espada de fogo, vae-o formando pouco a pouco a evolução das cousas e dos homens.

No principio a natureza era inclemente, asperrima; o homem e a fera eram dois inimigos e dois irmãos; a consciencia era um germen; a razão um atomo de luz que mal se via; a lei a força e a astucia; e no fim de cada lucta resoava por mil modos este grito lugubre—Ai dos vencidos!

A historia foi por muito tempo uma pyramide, como as do Egypto, tendo por pedestal uma larga e confusa massa de escravos, de cujo trabalho se formavam as grandes opulencias, as grandes tyrannias e as dissoluções pasmosas, em que os homens eram o pabulo das moreias.

Depois veiu Jesus e vieste tu, tu, o começo de compensação das primeiras injustiças, que na voz dos

mais eloquentes e dos mais ousados fôste algumas vezes uma revindicação tremenda contra uma partilha desigual; que na palavra dos mais timidos e dos mais meigos és uma supplica gemebunda, que precisas arrancar uma lagrima para obteres uma esmola; mas não acredites que a miseria seja eterna e que sobre os teus hombros debeis pese sempre este encargo doloroso de andar matando à fome.

O modo como o trabalho das diversas nações e dos diversos homens hoje se divide e se liga torna-os solidarios de facto, e á solidariedade de facto ha de corresponder a solidariedade de direito. A legislação ha de modificar-se n'este sentido; e o povo tem nas massas agrupadas nas cidades industriaes; nos homens que de quando em quando sahem d'elle e se elevam, e que nem todos se esquecem da sua origem; no suffragio universal, que tem sido uma arma nas mãos d'uma creança, mas que se tornará uma alavanca á disposição d'um gigante,—o começo de organisação e as forças necessarias para se impôr mais cedo ou mais tarde.

A agricultura, a industria, o commercio, o governo, tudo isso ha de tomar novas fórmas, e a riqueza ha de ser o premio do trabalho. Os seguros hão de ser uma rede immensa, estendendo-se a todas as coisas e a todos os homens, amortecendo todas as quedas, dividindo todas as perdas, e tornando ligeiras e insensiveis todas as fatalidades economicas, que agora são brutaes e esmagadoras».

—E eu? perguntou a Caridade.

«Tu transfigurar-te-has, como o Christo se transfigurou no Thabor; do mèsmo modo que tuas irmãs, as mulheres, tinham no começo da historia uma rude tarefa, e pouco a pouco se têem ido libertando d'ella, para serem as companheiras queridas e mimosas do homem, as pombas a que se constroe um ninho setinoso e tepido, e cujo sorriso meigo é a mais suave de todas as caricias e o mais doce de todos os premios, assim tu deixarás de ter que matar a fome e a sêde, que cobrir a nudez e que abrigar os desamparados, para teres esta missão mais suave—reflectir o teu sorriso de luz e de bondade nas trevas dos que ignoram e nas lagrimas dos que têem magoas.

Lisboa, 5 de abril de 1885.

José Frederico Laranjo.

Olhos pretos

Teus olhos são mais escuros
Do que a noite mais fechada,
E apesar de tanto escuro...
Sem elles não vejo nada!

J. Simões Dias.

O ARCHIPLASSÃO

A ARGILA de que fômos fabricados não é o kaolino,—nem qualquer outro dos silicatos de alumina...

É muito mais plastica, posto que mais impalpavel, a argila de que fômos fabricados...

É a atmosphera terrestre!

Sim! A atmosphera, que nos envolve e nos penetra, que nos nutre e nos destroe,—que nos envolve a cada um de nós com um manto tão subtil que não pesa menos de quinze mil kilogrammas e tão esmagador que nem lhe percebemos o contacto; que nos penetra ainda antes de nascermos e por tal modo que nem a mais recondita das nossas parcellas deixa, por um instante sequer, de estar exposta ao ar; que nos nutre tão disfarçadamente que ninguem escapou ainda de morrer quando por

alimento unico tivesse o gazoso involucro terrestre; que nos destroe com tanta arte que nenhum de nós saberá resistir á falta d'esse agente de destruição; — essa paradoxal atmosphera é o barreiro de que procedemos e ao qual nos volveremos.

D'essa informe mistura de gazes e vapores, sem consistencia, sem fórma, sem vida, brotou, por maravilhosa condensação, operada em laboratorio até hoje inimitado — acaso nas maiores funduras dos oceanos, onde a natureza, supremo chimico, sabe manobrar com pressões equivalentes ao peso de alguns centos de atmospheras — brotou, ha myriades de seculos, o alpha de todos os organismos, o decano dos seres vivos, o *Archiplassão.*

Amorpho, esse primordio da vida tinha a virtualidade de todo o polymorphismo organico.

Homogeneo, encerrava potencialmente todas as heterogeneidades histologicas.

Na irritabilidade, em que cifrava inteiro o seu dynamismo, resumia embryonariamente todas as futuras energias biologicas, que viriam constituir as sublimes notas do assombroso hymno da vida.

Inconsciente, guardava já o segredo de todos os jubilos e de todas as dôres, de todas as virtudes, de todos os crimes — e de todos os remorsos.

Inerme, era o mysterioso arsenal em que jaziam latentes todas as armas, leaes ou traiçoeiras, que sem tregua se empenhariam na eterna lucta pela existencia.

Para crear esse prologo vital conjugaram-se, ao mando de requintadas syntheses, as mais extravagantes modalidades da materia elementar: os tres gazes mais refractarios á liquefacção (azote, hydrogenio, oxygenio), um solido infusivel (carboneo) e um dimorpho (enxofre).

E por que fôssem de algum modo incongruentes esses materiaes constitutivos da primeira particula viva, persiste em toda a sua prole a tendencia para o desmoronamento, tendencia que por dois modos, de antinomicos resultados, se traduz nas moleculas do Archiplassão, nos *plastidulos:*—pela sua mobilidade e pela sua instabilidade.

A mobilidade dos plastidulos, verdadeiramente prodigiosa, permitte-lhes a apprehensão e intuscepção da materia circumfusa, que, uma vez colhida nas capciosas engrenagens do minusculo sêr, se deixa arrastar pelas irresistiveis seducções da vibração vital até se *assimilar* á substancia organisada, a qual, por similhante processo, se perpetúa successivamente no individuo, na especie e na serie.

A instabilidade, não menos prodigiosa, da molecula viva—imperiosa consequencia do atavismo, que manda regressar quanto vive á condição dos mais remotos antepassados e que, portanto, obrigará o plastidulo a retroceder até azote, carboneo, etc.,—importa a cada momento a sua *desassimilação;* e esta, ou é opportunamente compensada pela *vis contraria* e não passa então de uma necrobiose, na mais

genuina accepção do termo, não passa de uma morte na vida, ou não encontra compensação e determina a total derrocada do organismo, a morte propriamente dita.

Balanceado entre essas duas tendencias oppostas — uma centripeta, que attrae ao intimo da massa viva a materia extranha; outra centrifuga, que expelle de dentro d'essa massa o que já não deva pertencer-lhe — o Archiplassão, mercê tambem da docil mobilidade dos seus plastidulos, deixa-se modificar por quantos agentes sobre elle incidam; mas, cioso de uma existencia, que representa o triumphante exforço de sublimes affinidades, lucta, quanto póde, por conseguir adaptar-se a cada uma das voluveis circumstancias mesologicas, que a todo o instante se lhe deparam.

Vencido — e tantas vezes o é! — a derrota nada mais fez do que antecipar-lhe a fatal regressão ás fórmas prévias, menos nobres, menos complexas: degenera, definha, morre, — mineralisa-se...

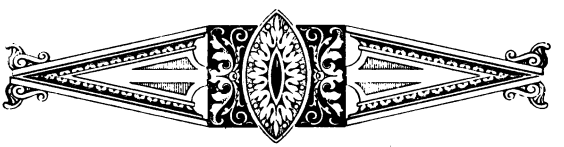
Vencedor — e quantas victorias representa o ascenço desde o infimo nivel em que foi nado até o cume hierarchico da escala biologica! — vae complicando a sua structura na mesma proporção em que se haviam complicado as energias circumdantes; aperfeiçoa-se, differenciando-se: aparando cada novo golpe em novo escudo, forjando para desusadas aggressões desusadas armas, proporcionando a exigencias nascentes nascentes orgãos...

Zombando de amnesias, embora seja, como a do phonographo, inconsciente a sua memoria, o Archiplassão nem esquece o plebeismo, que lhe deu origem, nem esquece os titulos, que o hajam nobilitado. Um e outros transmitte fielmente na hereditariedade.

Por isso o homem — a mais bella expressão da vida — ao mesmo tempo que na sua superioridade psychica pregoa a mais alevantada conquista da molecula viva, accusa na podridão do seu cadaver a procedencia mais que humilde, a procedencia mesquinha, *mineral,* do seu ser.

Pulvis es...

J. T. DE SOUSA MARTINS.



11 DE JUNHO

Faz hoje um anno que falleceu o primoroso poeta Gonçalves Crespo.
«Correio da Noite».

Triste noticia, tristemente lida!
Faz hoje um anno, falleceu aquelle,
Que me cantou a mim... Choro-o-a elle!
É de cantos e lagrimas a vida!

João de Deus.

Da imitação de Christo

Quatro livros, trasladados de latim
em linguagem por Ernesto Adolfo de Freitas

Por mais de um titulo se recommenda o livro da *Imitação de Christo,* ultimamente vertido e publicado pelo sr. Adolfo de Freitas, habil advogado e distincto ornamento do foro lisbonense.

É realmente assombrosa a erudição que em toda a obra revela o traductor, não sendo menos para pasmar a somma consideravel de trabalho empregada incançavelmente na confrontação dos textos e dos auctores.

Lembra as tarefas de um benedictino. Só no encerro dos claustros, com effeito, se comprehende tão vasta leitura, e similhante apropriação. Póde sem erro asseverar-se, como é facil ver pelas numerosas notas acompanhando a versão passo a passo, que o traductor não fez mais do que applicar ás phrases

latinas as phrases equivalentes em linguagem que encontrou feitas de molde n . classicos portuguezes.

Um prodigio.

Abstrahindo n'este momento do longo e indeciso debate ácerca da questão de quem fôsse o ignorado auctor da *Imitação de Christo;* querendo muitos qu seja o A. Kempis, outros o Cancellario da Univer sidade de Paris, o douto Gerzon, primeiro e strenuo defensor das immunidades gallicanas: — sem mesmo applicar ao livro a theoria de Wolf a respeito de Homero, suppondo que a Iliada fôr uma edição, uma verdadeira compilação dos cantos de muitos aeidos, como a *Imitação* um aggregado das meditações devotas e piedosas de alguns religiosos e monges da eda· e média; é certo que não ha livro, que em todas . 'nguas, desde a sua apparição, tenha contado maior . nero de reproducções. Forçoso é, como dizem alguns commentadores, que o livro satisfaça a uma verda' ra necessidade do espirit humano. ¿Porque, entre tantos que successivam .e o tempo tem consumido e sepultado no esquecimento, resurgirá este sempre, affrontando os seculos, as philosophias e as opiniões?...

Mas com quanto por esta circumstancia se possa elogiar a nova traducção, visto as duas antigas não merecerem fé; para nós tem ella maior e mais intrinseco valor, firmando dois protestos, dignos de memoria e de exaltação.

N'uma quadra em que a lingua portugueza, ape-

sar dos exforços, o grande poeta, visconde de Castilho, nosso contemporaneo, se vae diluindo e desfazendo n'um dialecto esdrurio, sem côr, nem genealogia, a traducção de que fallamos, não sómente classica mas vernacula, chama os escriptores a bom caminho, e mostra-lhes não precisar de emprestimos extranhos quem possue tam rico thesouro como nós, onde não ha senão a colher muitos oiros, e muitas gemmas preciosas.

E tambem, visto em nossos dias a hydra do materialismo levantar audacissima as multiplices e venenosas cabeças, merece conceito o que se atreve a erguer e sustentar a bandeira do espiritualismo, bem expresso em todos os capitulos da *Imitação;* — arrastando o ridiculo dos vãos e livres pensadores, cujo exemplo até já perniciosamente se experimenta nas escolas de todos os graus.

Entretanto o habil jurisconsulto que [illegible] da [illegible] consumido no colossal trabalho que admiramos, [illegible] um fanatico dos que desejam em pleno seculo XIX cauterizar as corrupções mundanas com as fogueiras da inquisição, nem um hypocrita, que venha encobrir com obra de santidade as torpezas de uma alma refalsada e má. É profunda e discretamente religioso; e de o ser se louva e lisongea. Diremos ainda, para melhor conhecimento do homem, que foi um d'aquelles bravissimos heroes da grande Iliada, que, atravessando as serras do Algarve, e as planicies do Alemtejo, vieram conquistar Lisboa,

e plantar definitivamente a liberdade em Portugal. Parece-nos sufficiente esta certidão de folha corrida.

Em resumo o conspicuo e insigne traductor prestou um louvavel serviço ás letras com a sua nova e esmerada versão do inimitavel livro, *De contemptu mundi,* ou *Imitação de Christo;* e não menor serviço ás almas piedosas e crentes, que n'elle encontrarão allivio e remedio para todas as dôres e desconfortos d'este mundo.

THOMAZ DE CARVALHO.

GENÈSE

Lorsqu'à la terre obscure il donna l'éclairage
Du céleste flambeau,
Dieu dit: C'est bien, je suis content de mon ouvrage
Et mon travail est beau.

Bien qu'un dernier trait manque à l'œuvre fortunée
De la création,
J'atteindrai, fallut il encore une journée
A la perfection.

Aussitôt Dieu fit l'arbre et la fleur et la source,
Et le pur diamant
De l'astre qui poursuit sa vagabonde course
Sur le bleu firmament.

Le chant du rossignol, l'éblouissante aurore
Et le matin vermeil
Et les parfums légers qu'un souffle fait éclore
Au coucher du soleil.

Il met sur l'Océan l'écume de la vague,
Et dans le gouffre amer
La population mystérieuse et vague.
Des monstres de la mer.

Il donne aux orangers leur succulente pomme,
Et la neige aux hivers
Puis il prend de l'argile et d'un seul coup fait l'homme
Ce Roi de l'univers.

Alors rêveur, Dieu dit: Trouvons une autre chose
Plus souriante encor
Que l'étoile du ciel, plus belle que la rose
Plus brillante que l'or!

Un éclair souverain sur le monde scintille,
Par son divin effet
La terre voit alors naître la jeune fille
Et Dieu dit : C'est parfait !

VISCONDE DE SEISAL.

NOTAS

D'UMA VIAJANTE... NAS SALAS

ODA a mulher póde ter pelo homem uma amizade boa, fraterna, tranquilla, desinteressada. Raro é o homem, que na sua amizade pela mulher, não ponha uma curiosidade, uma esperança, ou uma recordação.

De qualquer d'estas phases, para a mulher, a menos desagradavel é a da *curiosidade.*

Felizes e sensatas as que, em todas as amizades masculinas que inspiram, só querem conhecer esta.

Perguntas-me se gósto das arvores? Pudera não! As cousas divinas que as arvores me dizem, consolam-me das cousas banaes que me dizem os homens.

O mundo permitte todos os scepticismos, comtanto que elles tenham por fórmula uma parodia ou um... sacrilegio.

Exemplo: o mundo permitte que se não creia em Deus... comtanto que se não falte á missa.

Audacia, audacia, mais audacia, dizia Danton, e e com elle todos os que conhecem um pouco a Vida. Nunca sejas timido, nunca sejas modesto, e principalmente, se tens a tolice de desconfiar de ti, nunca o reveles nem ao teu travesseiro.

Sem pôres em scena propriamente a tua individualidade, dá sempre a entender d'uma maneira habil e engenhosa, que te julgas eloquente como Mirabeau, sabio como Spencer, elegante como Brummel, formoso como Antinoo, bravo como Condé. Ao principio riem-se da tua confiança, por fim acabam partilhando-a; começam por escarnecer, e concluem por acreditar. A audacia dá todas as victorias. Com ella vence-se até o monstro mais difficil de vencer-se... o Ridiculo.

Ao ver as rosas que a botanica tem conseguido arrancar aos seios mysteriosos da terra, ao vel-as com

a sua pallidez tão doce, com o seu roseo tão desmaiado, com os tons vagos, indecisos, violentos ou ternos das suas petalas; com a complicação estranha e caprichosa da sua fórma, inquietadora como um milagre; com o seu coração sanguineo, como uma chaga aberta, ou fulvo como uma scentelha accesa; com o aroma agonizante que d'ellas se exhala como se exhala uma queixa dolente da lyra que se parte; com o encanto morbido, captivante, ineffavel, que ellas têem, e que dá a alguns raros eleitos da sensibilidade uma doença a que póde chamar-se a *loucura das rosas,* eu penso não sei porquê, nas mulheres anemicas, doentes, nevroticas, que este seculo extraordinario fez apparecer no mundo como uma efflorescencia complicada e rara.

São pallidas como as rosas, têem d'ellas a alvura setinea e doentia, e os mil refolhos quasi monstruosos, e o aroma vago e subtil como um suspiro que morre... Têem nas grandes pupilas dilatadas a allucinação indefinivel que a febre accende, e nas linhas ondeantes e flexiveis do corpo magro, uma negação perfeita de todas as harmonias da Natureza. No cerebro d'ellas baralham-se e confundem-se as idéas, como no seu coração tomam extranhos feitios os sentimentos.

Captivam, irritam a curiosidade, prendem a phantasia, mas assustam, como tudo, que não é simples!

Para que é que a Arte faria tão falsas as rosas e as mulheres?...

Far-se-hia um livro extravagante, mas medonho de revelações verdadeiras com este titulo: *O que o mundo acceita e o que o mundo não acceita.*

O mundo acceita todos os crimes, todos os vicios, todas as abjecções, todos os cynismos, comtanto que se affirmem grandiosamente, com um certo descaramento heroico. Tenho visto as situações mais extraordinariamente irregulares, sanccionadas pela indulgencia mundana, e como que protegidas por uma sympathia tacita que seria commevedora senão fôsse... asquerosa!

Tenho visto as intenções ou os actos mais innocentes, denegridos com uma furia canibalesca por esses mesmos, que ha pouco se recommendavam pela sua transigencia com as fraquezas do proximo!

Tudo depende do modo porque se fazem as cousas.

O codigo *mundano* consente que lhe transgridam as posturas ou com o supremo artificio, ou com o supremo arrojo!

A hypocrisia é uma fraqueza? Não. É uma força. Podem sempre mais os que fingem que os que se revelam.

Na creança ha toda a astucia, toda a crueldade, todo o egoismo, toda a ambição sofrega que ha no homem. Com uma differença: na creança estes vicios ingenitos encantam-nos como uma innocencia radiosa; no homem entristecem-nos como uma perversidade incuravel.

No mundo a mulher não precisa de ser intelligente, nem de ser dedicada, nem de ser caridosa, nem de ser grande. No mundo a mulher precisa de ser bella.

O que é a formosura? Antigamente, ao céo da Grecia, á luz radiante da Renascença, a formosura, conjuncto de perfeições plasticamente raras, era um dom dos deuses. Só elles a davam, só elles a tiravam! Hoje a formosura *faz-se*, executa-se como uma obra d'arte. Toda a mulher que não sabe ser formosa, faz a tacita confissão de que não sabe ter vontade.

. . . . . .

(Está conforme ao original.) VALENTINA DE LUCENA.

AS TRES VIRTUDES

Diz o Atheismo á Fé: — Cega, desvenda-te,
ou caes n'uma voragem! —
O Desespero á Esp'rança: — Ingenua emerita,
engana-te a miragem. —
O Egoismo á Caridade: — Ó prodiga!
rouba-te a vilanagem! —

E a Fé responde ao gelido Egoismo:
— Quem, a não ser a Fé,
ao teu bradar no tenebroso abysmo
te estende a mão? Quem é? —

E a Esp'rança ao Desespero: — Essa miragem
que apontas com desdem,
impaciente! É a generosa imagem
do que já perto vem. —

E diz ao Egoismo a Caridade:
— E tu, adverso meu,
quando a desgraça te prostrar, quem ha de
valer-te, a não ser eu? —

Desesperança! atheismo!
Egoismo ignobil, profundo!...
Sanctas virtudes, que abysmo
Sem vós não fòra este mundo!

1880.

THOMAZ RIBEIRO.

A UMA MENINA

(Que tinha por costume trazer sempre uma rosa ao peito)

Se é a rosa o teu emblema
Na innocencia e na candura,
Tu e a rosa, iguaes nas graças,
Sejam gemeas na ventura.

Meiga, a aurora enamorada
Veste a rosa de mil côres,
Dão-lhe afago as doces brisas,
E respeito as outras flores.

Mas afago, amor, respeito,
Só á humana formosura
Os grangeiam dotes d'alma,
Como a tua, ingenua e pura.

ANTONIO DE SERPA.

AS CREANÇAS

(Á Ill.ma e Ex.ma Sr.a D. Maria Manuela de Brito)

Quem não gósta das creanças?
Quem não ama a claridade
Que irradia das esp'ranças
D'aquella risonha idade?

Quem não vê quando esvoaça
Nos seus labios o sorriso,
A candura, o mimo, a graça
Dos anjos do paraiso?

N'essas frontes infantinas,
Vê-se uma alma a despontar;
D'aquellas mãos pequeninas
Cae a ventura n'um lar!

Junto do berço onde canta,
A mãe, seus hymnos d'amor,
Paira, velando, a aza santa
D'um anjo consolador.

As creanças são aurora,
Cuja luz afaga e aquece;
Tem, na risada que chora,
Um sorrir que nunca esquece!

Quando ellas passam folgando
Nas extensas pradarias,
—Turba feliz, doido bando
De matinaes cotovias—

Sente-se o doce perfume
Que exhala a sua innocencia,
Essa flôr que em si resume
A mais fina e grata essencia.

Borboletas graciosas,
Do vasto jardim da vida;
Irmãos dos lyrios e rosas
D'eterna senda florida;

Mysterios cujo segredo
Nos seduz d'instante a instante;
Que sois o valor e o medo,
Da mãe, no olhar vigilante;

Creanças—livros formosos,
Quem vos lê, medita e chora!...
Vós sois os vultos radiosos
D'um sonho que se evapora!...

.....

Ás vezes desce a orphandade
Em mais d'um berço tranquillo...
Então a mãe—Caridade—
Descerra as portas do asylo,

E aquelles seres franzinos
Encontram pão, ninho, amparo,
Dando os passos pequeninos
N'um caminho ameno e claro.

Depois, na pallida fronte
Rebrilha a força e a saude,
Rasga-lhe o ensino, o horisonte
Do trabalho e da virtude;

Renasce a côr e a frescura
N'aquellas faces de cêra
E, ao ver as que a desventura
O lucto e a fome envolvera.

Ridentes como a alvorada
Cheia dos raios do sol,
D'entre as balseiras, saudada
Pela voz do rouxinol,

Diremos: — salve, crianças! —
E a nossa alma commovida,
Sorri ás lêdas esp'ranças
Do que ha mais bello na vida!

Lisboa, 2 de abril de 1885.

AMELIA JANNY.

EPOCAS HISTORICAS

DA LITTERATURA PORTUGUEZA

A marcha completa da Edade média e das transformações successivas da nacionalidade portugueza, tiram-se os topicos com que se caracterizam de um modo nitido as modificações ou epocas d'esta litteratura romanica.

PRIMEIRA EPOCA. (Seculo XII a XIV.)—Predomina o lyrismo provençal em toda a Europa, e essa corrente propaga-se a Portugal, primeiramente pela vinda de alguns trovadores com os Cruzados; depois com as relações da côrte com a Saboya, definindo-se uma influencia italiana não só nas instituições municipaes, como na imitação das canções de Sordello e Bonifacio Calvo. —A emigração de alguns fidalgos portuguezes que

acompanharam D. Affonso, conde de Bolonha, durante a sua permanencia na côrte de S. Luiz, foi o meio mais activo da propagação da poesia trobadoresca modificada pelo norte da França, e introduzida depois do triumpho de D. Affonso III. Uma phase nova de desenvolvimento lyrico começa com o rei D. Diniz, que imita directamente a poetica provençal, e se apropria de elementos tradicionaes gallezianos das serranilhas ou cantares de amigo. Por ultimo a epoca distingue-se por um estudo critico de compilação no grande *Livro das Cantigas* do conde de Barcellos. A poesia provençal perde os seus cultores durante o reinado de D. Affonso IV, refugiando-se alguns trovadores junto de Affonso XI de Castella, que ainda mantinha pelas suas composições o estudo da *gaia sciencia.*

N'esta epoca são frequentes as allusões ás epopêas gallo-frankas, apparecendo uma parodia em Gesta de Maldizer, por Affonso Lopes Baiam. Existem vestigios de tradições épicas, como o romance de Ayres Nunes, analogos áquelles que Affonso o Sabio intercalou na sua Chronica.

A influencia armoricana ou gallo-bretã, manifesta-se em Portugal pela fórma lyrica dos *lays,* pelas tradições novellescas, como a do *Rei Lear,* e pela propagação de poemas de aventuras como o *Tristão* e *Flores e Branca Flor,* cujos elementos episodicos se desenvolvem na novella do *Amadiz de Gaula* em prosa.

A cultura latina, que se desenvolve com a independencia do poder real, apparece nas narrativas do *Nobiliario* do conde D. Pedro, e tradições do cyclo epico, denominado greco-romano; propaga-se pela fundação da Universidade de Lisboa e Coimbra, e por um grande numero de traducções do latim pelos moralistas ecclesiasticos.

SEGUNDA EPOCA. (Seculo XV.)—Não se continúa o desenvolvimento da poesia provençal, como succede na Italia com Petrarcha, e na Hespanha já secundariamente por Micer Imperial. Quando sob a regencia do infante D. Pedro, se reconciliam as côrtes de Castella e Portugal, a poesia castelhana da eschola de João de Mena exerce uma grande fascinação na poesia palaciana representada no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende. É despresado o elemento tradicional da poesia. As novellas da Tavola Redonda como a *Demanda do Santo Greal* são imitadas, e muitos poemas da Edade média acham-se colligidos na magnifica bibliotheca do rei D. Duarte. Porém d'esta bibliotheca deprehende-se uma grande predilecção pelas obras classicas da antiguidade, e a litteratura consiste principalmente na traducção e compilação de livros latinos. A Historia adquire um grande desenvolvimento, a par do poder real, nos trabalhos de Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara e Ruy de Pina. Introduz-se a Imprensa, e a aristocracia portugueza vae á Italia frequentar as escholas dos humanistas da Renascença.

TERCEIRA EPOCA. (Seculo XVI.)—Corresponde ao periodo de maior actividade da nação portugueza; a litteratura dos quinhentistas, é simultanea com as grandes navegações e descobertas do caminho da India e do Brazil. Constitue-se a Grammatica da lingua portugueza, por Fernão de Oliveira e João de Barros; funda-se o theatro nacional com fórmas populares por Gil Vicente; a poesia lyrica apresenta a fórma medieval e a da Renascença, nos *poetas da medida velha* e nos petrarchistas, da mesma fórma que a poesia épica conserva as fórmas tradicionaes e rudimentares do *Romance* e o typo virgiliano na *oitava rima*, adoptada por Camões. Gil Vicente é o escriptor que representa de um modo mais completo as fórmas da litteratura medieval; Sá de Miranda oppõe ás suas primeiras composições em *redondilhas*, os novos metros *endecasyllabos*, com que introduziu em Portugal o gosto da Renascença italiana; Camões, pela superioridade do seu genio, funde estes dois elementos nos seus *Lusiadas*, da mesma fórma que Shakespeare em Inglaterra.

A litteratura portugueza do seculo XVI deriva d'estes escriptores por uma relação muito clara; Gil Vicente é imitado durante o seculo XVI e XVII por Antonio Prestes, Antonio Ribeiro Chiado, e outros na fórma do Auto; Sá de Miranda é imitado por Antonio Ferreira, Pedro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, Falcão de Resende, D. Manuel de Portugal, emquanto ás fórmas italianas; e por Fran-

cisco Rodrigues Lobo, D. Francisco Manuel de Mello e Tolentino em quanto ás redondilhas; Camões é imitado não só por aquelles que plagiaram os seus versos, como pelos que compozeram epopêas historicas.

A justa relação entre os elementos medievaes e classicos foi quebrada pelo predominio do ensino jesuitico, que tomou conta da Universidade de Coimbra em 1550, e pela censura litteraria estabelecida pelo cardeal D. Henrique. A historia ainda apresentou cultores, como João de Barros, Fernão Lopes de Catanheda, Damião de Goes e Diogo do Couto; uns perseguidos, outros pobres, e quasi todos sem liberdade para exercerem a critica. Ao fim de trinta annos de ensino jesuitico a consciencia portugueza perdeu o sentimento da nacionalidade, e acceitou com festas a incorporação castelhana realisada por Filippe II. O fim do seculo faz-se notar pela publicação de quasi todas as obras quinhentistas, as quaes estavam ineditas.

QUARTA EPOCA. (Seculo XVII.)—Portugal não acompanha o movimento scientifico do seculo em que se organisam as Academias; estas corporações litterarias são imitadas na fórma, para tertulias ou sessões poeticas conforme o chamado gosto gongorico. Apresenta ainda poetas eminentes, como D. Francisco Manuel de Mello, e Francisco Rodrigues Lobo; mas a maioria dos escriptores obedece aos exageros de uma rhetorica stulta, como os poetas da *Phenix*

renascida. A revolução de 1640, com que a nacionalidade portugueza recuperou a sua independencia, não se fez sentir nas creações da Litteratura, áparte as comedias de Pedro Salgado e as folhas volantes de Francisco Lopes.

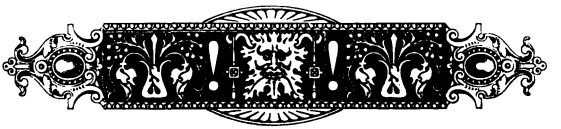
QUINTA EPOCA. (Seculo XVIII.)—O que fizeram os *Jurisconsultos* da Edade média para a emancipação da sociedade civil, continuaram-n'o os *Litteratos* no seculo XVIII procurando pelas emoções artisticas vindicar a liberdade politica. Em Portugal os escriptores estiveram sempre separados da vida social e não conheceram as tradições nacionaes; acceitavam o despotismo como uma fórma de *governo paternal*, e conformavam-se nas suas Arcadias imitando Horacio, e promovendo o *purismo* da cultura latina contra um pouco de liberdade de phantasia do gosto seiscentista. Raros são os escriptores que se destacam n'esta epoca; Garção, Quita, Diniz, Tolentino, Filinto Elysio e Bocage, mantêm a sua superioridade á custa do estudo da grande epoca dos quinhentistas. Alguns homens de sciencia tentam relacionar Portugal com o movimento scientifico europeu; tal foi a missão do duque de Lafões, de Corrêa da Serra, e o motivo da fundação da *Academia das Sciencias de Lisboa*.

SEXTA EPOCA. (Seculo XIX.)—O contacto de Portugal com a civilisação europêa estabeleceu-se pela emigração de 1817, quando se refugiaram em França o morgado de Matheus, Mascarenhas Netto, Felix de

Avellar Brotero, Domingos Antonio Sequeira, e outros que fugiam á accusação de *jacobinos,* e ao cannibalismo de Beresford, que governava militarmente Portugal. Pela reacção do absolutismo contra a Constituição de 1822, seguiu-se uma segunda emigração; e em 1828, pela abolição da Carta de 1826, uma terceira e mais activa emigração, forçaram o espirito portuguez a pôr-se em contacto com os progressos intellectuaes e artisticos da Europa. Depois do triumpho da causa liberal, o regresso dos emigrados fez-se sentir na litteratura, transformada segundo as normas do *Romantismo;* pela primeira vez a litteratura, depois da epoca dos quinhentistas, se inspirou de themas tradicionaes e com relação á vida da nacionalidade. A epoca surgiu fecunda, porém as ambições politicas excitadas pelo parlamentarismo, absorveram todos os talentos, cahindo a litteratura em uma symptomatica innanidade, contra a qual reagiu indisciplinadamente a chamada *Eschola de Coimbra.*

THEOPHILO BRAGA.

Curso de Historia da Litteratura portugueza (no prelo.)



PARENTHESIS DE LUZ

(V.)

Quando ella passa, timida, hesitante,
Banhada a fronte n'um clarão bemdito,
Vem ate mim um eccó murmurante,
Que não e d'este mundo em que eu habito.

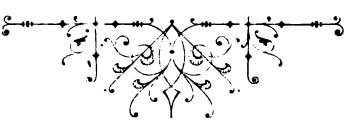
Ao fulgor do seu pallido semblante,
Sinto na alma como um infinito,
Meu doido coração, amplo e gigante,
Surge das trevas em que jaz proscripto.

Quando ella passa timida, — a meu lado
Todo o aroma do candido passado
Palpita e brilha, rapido, fugace,

E as aves choram tristes e saudosas
De quando vinham surprehender as rosas.
Que lhe eu traçava no palor da face...

Porto, 9 de abril de 1885.

JOAQUIM D'ARAUJO.



CHAMFORT dizia: «Na sociedade cada um de nós tem tres especies d'amigos: os amigos que nos querem bem, os que não se importam comnosco, e os que nos odeiam.»

A classificação é exacta, mas infelizmente a primeira classe é pouco numerosa. São raras as dedicações sinceras. Por isso quando nos morre um amigo verdadeiro soffre-se uma perda irreparavel.

E n'esta constante eliminação d'affectos, que constitue o fundo triste da vida, a morte d'um amigo d'infancia é um golpe crudelissimo.

Mas no meio das grandes afflicções é que melhor se comprehende a consoladora missão das boas almas que se compadecem das desventuras alheias. Assim eu não quiz, n'este momento tão doloroso para mim, deixar de inscrever o meu nome obscuro n'este livro. Tão brilhante pelo que as suas paginas encerram, como sympathico pelo fim a que se destina.

14 de abril de 1885. CARLOS LOBO D'AVILA.

ORIENTAL

A. P.

OLHO rasgado e profundo,
labio ardente e sensual...
tem o aspecto jocundo
d'uma deusa oriental.

Não é mais doce e fragrante
o aureo fructo da mangueira,
nem é mais fino e elegante
o talhe d'uma palmeira.

Lembra a canção d'uma ave,
uma canção fresca e bella,
o doce rithmo suave
do seu andar de gazella.

Lá nas regiões dos palmares,
floreo berço da poesia,
quantos risonhos altares
não lhe erguera a phantasia!

Quando a encontra, a gente sonha
têl-a já visto trajada
com uma tunica risonha
e uma sandalia bordada.

Com um grosso aro luzente
cingindo-lhe o pulso fino,
e uma perola pendente
do seu nariz pequenino.

Com o *betle* a perfumar
a sua bocca vermelha,
e tres estrellas a ornar
tres furos em cada orelha.

E sobre a nuca formosa
firme a rosca do cabello,
como a espiral graciosa
da adusta cobra-capello.

. . . . . .

N'isto mudámos de tom...
ao ver a formosa hury
penteada no Baron,
e vestida na Marie!

E fica a Musa magoada,
vendo que a sorte incoherente
trouxe essa estrella roubada
ao céo do seu bello Oriente.

12 de julho de 1883.

CHRISTOVAM AYRES.

O QUE DIZ A MORTE

DEIXAE-OS vir a mim, os que lidaram;
Deixae-os vir a mim, os que padecem;
E os que cheios de magoa e tedio encaram
As proprias obras vãs, de que escarnecem...

Em mim, os Soffrimentos, que não saram,
Paixão, Duvida e Mal se desvanecem.
As torrentes da Dor, que nunca param,
Como n'um mar, em mim desapparecem.

Assim a Morte diz. Verbo velado,
Silencioso interprete sagrado
Das cousas invisiveis, muda e fria,

É, na sua mudez, mais retumbante
Que o clamoroso mar; mais rutilante,
Na sua noite, do que a luz do dia.

ANTHERO DE QUENTAL.

JNDICE

INDICE

PAG.

Duas palavras de explicação..... 1
Carta de Camillo Castello Branco..... 1
Berço vazio..... 5
Fragmento do jornal de uma senhora..... 7
De noute..... 13
A Felicidade..... 17
Olé! Olé!..... 21
Um corvo e um papagaio..... 25
Retrato de uma portugueza..... 31
Uma crise..... 35
Versos posthumos..... 41
A Italia e a Renascença..... 43
Carta de Anthero de Quental..... 47
Sonetos antigos..... 48
Carta de Ramalho Ortigão..... 55
Se Deus Nosso Senhor..... 56
Duas imitações de Henri Heine..... 59
Memorias e viagens..... 65
Em viagem..... 71

PAG.
Subjuga o espirito humano... 73
Fiorètto 85
Tanta gente á procura... 89
Duas forjas 91
Outro amavel milagre 93
A uma creança 101
Carta de Sousa Viterbo 103
No leque d'uma senhora 105
Um borrão n'uma aguarella 107
Soneto moderno 109
A Caridade e a solidariedade social 111
Olhos pretos 119
O Árchiplassão 121
11 de junho 127
Da *Imitação de Christo* 129
Genèse 133
Notas d'uma viajante... nas salas 137
As tres virtudes 143
A uma menina 145
As creanças 147
Epocas historicas da Litteratura portugueza 151
Parenthesis de luz 159
Chamfort dizia: «Na sociedade... 161
Oriental 163
O que diz a Morte 167